

RELATÓRIO DA DIRETORIA DE SECRETARIA DA EBP

2015-2017



Escola Brasileira de Psicanálise

SUMÁRIO

Uma experiência de Escola! 5
Por Fernanda Otoni-Brisset

PROJETO AÇÃO DOBRADIÇA 10

1. Cartel: Órgão de Base da Nossa Escola 12
Por Lucila Darrigo
 - 1.1. Cartel: lugar de trabalho dos impasses e possibilidades do Um e do múltiplo 16
Por equipe da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio Seção Minas (EBP-MG)
 - 1.2 Um convite à enunciação 17
Por Sarita Gelbert
 - 1.3. Cartel-relâmpago 18
Por Valéria Ferranti
 - 1.4. *Notas sobre cartéis, uma forma de dar-lhes “mais vida”!* 19
Por Eneida Medeiros
 - 1.5. I.U.F.I. e a cartelização no século XXI – 4 letras mais um desejo 21
Por Fernanda Otoni-Brisset
2. Sobre as Conversações e Intercâmbio com a Cidade 22
Por Marícia Ciscato
3. Ação Lacaniana Entre-Vista 27
Por Nohemí Brown
4. *Ação Dobradiça em Revista* 30
Por Fernanda Otoni-Brisset
5. Conceção e Execução da *Ação Dobradiça em Revista* da EBP 32
Por Fernanda Costa

PROJETO EDITORA EBP 35

6. Projeto Editora EBP 36
Por Graciela Bessa

INFORME DAS DIRETORIAS DE CARTÉIS E INTERCÂMBIOS DAS SEÇÕES DA ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE 43

- 7.1 Seção Bahia – EBP 44
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Pablo Sauce
- 7.2 Seção Minas – EBP 45
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Wellerson Alkmim
- 7.3 Seção Pernambuco – EBP 47
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Bibbiana Poggi
- 7.4 Seção Rio de Janeiro – EBP 50
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Sarita Gelbert
- 7.5 Seção Santa Catarina – EBP 51
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Eneida Medeiros
- 7.6 Seção São Paulo – EBP 57
Diretoria de Cartéis e Intercâmbio
Por Valéria Ferranti

INFORME DAS COORDENAÇÕES E SECRETARIAS DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO DAS DELEGAÇÕES DA EBP 60

- 8.1 Coordenação de Cartéis da Delegação do Espírito Santo – EBP 61
Por Tânia Regina Anchite Martins
- 8.2 Coordenação de Cartéis da Delegação de Goiás/DF – EBP 62
Por Giovana B. B. Heinemann
- 8.3 Coordenação de Cartéis da Delegação do Maranhão – EBP 63
Por Carmen Damous
- 8.4 Coordenação de Cartéis da Delegação do Rio Grande do Norte/EBP 64
Por Liège Uchôa
- 8.5 Coordenação de Cartéis da Delegação da Paraíba – EBP 67
Por Maria de Lourdes Aragão de Albuquerque
- 8.6 Secretaria de Cartéis e Intercâmbio da Delegação Paraná – EBP 80
Por Nohemí Brown

UMA EXPERIÊNCIA DE ESCOLA!

Por Fernanda Otoni-Brisset (Diretora Secretária da EBP – 2015-2017)

Há seis anos como membro da EBP, recebi o convite de Ana Lucia Lutterbach para participar como Diretora Secretária da Diretoria da EBP. Ainda era muito estreita a distância entre o Ideal de Escola e a suposição sobre o seu funcionamento. O entusiasmo do sim, em assumir a responsabilidade de uma função que eu desconhecia, não tardaria a topar com os pontos opacos. Isso ensina que tal decisão parte da lógica de uma escolha forçada, quanto ao que do gozo está implicado no *sinthoma*, e o leva mais longe sem o saber como guia.

Outro ensino dessa experiência é que o desejo em relação à causa analítica e a transmissão da psicanálise não podem ser traduzidos, *ipsis litteris*, como um desejo de Escola. Essa passagem, ou melhor, transposição, é efeito a ser extraído no transcurso da experiência, quando a dissimetria radical, entre a escola que supomos e a de cada um dos outros que faz parte dela, se impõe ao banquete. Não se faz Escola sem considerar que a desmontagem do ideal e a desagregação do grupo estão no horizonte inarredável de seu funcionamento, forçando a cada um, que aí se filia, o encontro com a sua solidão. O “tão só como sempre estive” esteve lá, desde o início, incutido nas sebes do ideal, e ao final eclode enquanto o único real a ser verificado.

Leio Jacques-Alain Miller: “O lugar do ideal, em um grupo, é um lugar da enunciação. A partir daí se pode conceber, praticar dois modos diferentes de enunciação. [...] Há um discurso que se emite do lugar do Ideal que consiste em opor “Nós” a ‘Eles’.”¹ Esse discurso intensifica, por isso mesmo, a alienação subjetiva ao ideal. O segundo modo de enunciação também parte da posição do ideal mas, ensina Miller, é um discurso inverso, pois produz a dissociação do grupo, remetendo “cada um dos membros da comunidade à sua solidão, à solidão de sua relação ao ideal”. Mas se cada um é lançado à sua singular solidão, como uma comunidade se sustentaria?

É o paradoxo da Escola, e sua aposta – que supõe de fato que uma comunidade seja possível entre sujeitos que sabem sobre a natureza dos semblantes, e sobre que a do Ideal, igual para todos, não é outra coisa senão uma causa para cada um experimentada no nível de sua solidão subjetiva, como uma escolha subjetiva própria, uma escolha alienante,

¹ MILLER, J-A . Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. In: Opção Lacaniana online. Ano 7. Número 21, nov 2016, p. 5.

inclusive forçada, e que implica uma perda.² [...] Saber onde está a Escola, localizar sua posição, não se deduz de uma prática contemplativa, não consiste em observar feitos objetivos. [...] A comunicação desse saber, como a produção de Atas de Escola, tem como efeito modificar o sujeito em vias de realização.³

É desse lugar que apresento, nesta ata, o trabalho de Escola realizado pela Diretoria de Secretaria da EBP, ao final dessa gestão. O trabalho de Escola foi para mim, e é para muitos que dela participam, uma experiência analítica. A irreduzibilidade do *objeto a* e sua forçagem na trama do ideal está intrinsecamente nisso implicado e o entusiasmo que deu início a esse trabalho, se tinha seu acento no ideal, transformou-se surpreendentemente, ao desentranhar a causa do desejo das tramas/tramoias do ideal. Momento que fez possível localizar onde está a Escola. A perda experimentada desse encontro furado deu passagem a um entusiasmo diferente – firme, decidido e discreto, cuja força advém de um consentimento quanto à insensatez do real.

Em um desses momentos, perguntei ao analista: onde está a minha Escola? Um tempo depois, por ocasião do lançamento de seu livro, leio sua dedicatória: “Pour Fernanda, qui cherche son École!”

A passagem de um Ideal de Escola a uma Escola Real é o que resta dessa experiência, cujo trabalho incansável procura reduzir a incidência do imaginário, que aí joga sua partida. É precioso cuidar de *dégonfler* isso que infla de tal hiância. O saldo é um desejo de fazer, face às contingências, para enlaçar os muitos que somos em torno de uma escola que não existe, mas que nos convida a seguir procurando-a, enquanto trabalhamos, para transmitir o que ensina a psicanálise. Esse testemunho de uma experiência de Escola autoriza o relatório que passo a seguir.



A responsabilidade que me coube nessa diretoria não seria possível sem o encontro, os equívocos, a solidariedade e a solidão que já se escrevem, ao lado do que não se escreve, na biografia compartilhada com as colegas Ana Lucia Lutterbach, Marcela Antello e Paula Borsói. Agradeço a cada uma, com uma nota de ressalva: nunca será o bastante agradecer! Foram poucos os encontros presenciais entre todas nós. Contudo, Ana Lucia sempre indicou com clareza, para cada uma das diretorias, o que desejava como orientação para um Projeto de Escola, confiando a cada uma a liberdade para executá-lo.

Coube-me cuidar de estabelecer um projeto para a publicação de livros, do trabalho já agalmatizado com os cartéis e do fortalecimento da ação lacaniana na EBP. Trabalho

² Idem, p.6.

³ Idem, p. 3

desenhado, realizado e registrado pela Comissão Nacional dessa Diretoria em conjunto com os Diretores e Coordenadores de Cartéis e Intercâmbio da EBP.

Destacamos o significante *intercâmbio* que participa do nome de cada diretoria de seção e delegação – Diretoria de Cartéis e Intercâmbio, por exemplo –, agalmatizando sua função que estava apagada. O cartel, como órgão-base da Escola, promove a função dobradiça entre a psicanálise em intensão e a extensão; em cada cartel, segundo relato da equipe da diretoria de cartéis e intercâmbio da EBP-MG, temos uma “Escola em seu formato mínimo”, um laço entre o Um e o múltiplo, apostando na escrita que é o seu resto. A função do intercâmbio está no recenseamento da Escola, conforme indica Lacan no Ato de Fundação: transmitir o que a experiência analítica ensina e se instruir com a experiência dos outros que participam da cidade. Uma dobra moebiana também aí se instala. Tal orientação indica o nome do projeto em cujo horizonte reuniu Diretorias e Coordenações de Cartéis e Intercâmbio, numa “Ação dobradiça”: um projeto da ação lacaniana da EBP (<http://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Para-bem-dizer-a-acao-lacaniana-na-EBP.pdf>).

Lucila Darrigo, Maricia Ciscato, Nohemí Brown e Fernanda Costa integraram a Comissão Nacional, na forma de um cartel, cujo mais-um “relâmpago” foi Marcus André. Imaginem uma comunidade onde a alegria e o entusiasmo é a moeda de troca. Foram assim nossos encontros, nesses dois anos! Merci beaucoup.

Para desenvolver o trabalho com as publicações da Escola, convidei Graciela Bessa, que agregou seu talento, dedicação e esmero à função de Coordenadora Técnica Editorial. Contamos com o trabalho dedicado do revisor Luiz Morando e o *designer* e diagramador Júlio Abreu nessa tarefa, permitindo publicar, conforme o custo real da produção, sem terceirização, o que nos possibilitou maior acesso à divulgação da psicanálise de orientação lacaniana no Brasil, através de livros e revistas cujos autores e artigos pudessem elucidar e transmitir a atualidade da psicanálise em tempos opacos. Nomeamos tal projeto de “Editora EBP”. Segundo Graciela, essa experiência foi “uma mostra de como é possível tornar público o que pensa a Escola”. Nossa aposta!

Os projetos assim constituídos recolheram sua orientação dos princípios de nossa Escola; investimos na força do Um considerando o múltiplo que nos engendra e, no que diz respeito a Ação Lacaniana, seguimos uma orientação preciosa do Antônio Beneti: uma flecha dirigida às bolhas de segregação.

Agradeço, nominalmente, a: Bibiana Boggi, Pablo Sauce, Valéria Ferranti, Weller-son Alkmim, Sarita Gilbert, Eneida Medeiros, Tânia Anchite Martins, Cristiano Pimenta, Carmen Damous, Luana Santos, Maria de Lourdes Aragão, Nohemí Brown e Liége Uchoa. A Escola é uma experiência que nos trouxe até aqui, e o trabalho que realizamos juntos é bonito de ver!

Passo agora a alguns dados gerais, dividindo-os segundo os dois projetos: “Ação Dobradiça” e “Editora EBP”.

I. Projeto Ação Dobradiça

CARTÉIS: Lucila Darrigo, responsável pelos cartéis na EBP, com sua delicadeza e determinação, nos informa que 115 cartéis encontram-se registrados. São cerca de 580 cartelizantes. 127 membros. 19 cartéis formados por dois membros ou mais; três constituídos exclusivamente por membros; 71 cartéis formados com um membro, não necessariamente na função de mais-um; e 25 cartéis formados exclusivamente por não membros. A quantidade de “cartel-relâmpago”⁴ que brota no céu de nossa Escola é destacável. “A dificuldade em encontrar o mais-um e a crise estrutural do cartel”⁵ é uma experiência comum a quase todas seções e delegações. O cartel, sobretudo, continua sendo essencial para tratar os efeitos de grupos; ali cada um é convidado a “sair do anonimato e assinar com a sua enunciação”⁶, apostando na escrita como seu resto, “uma forma de dar-lhe vida”⁷. Destaque ainda para o “cartel formado para pensar o trabalho de Escola”, seja o trabalho de orientação lacaniana, jornadas etc... bem como o acompanhamento da “Rede Assistencial”⁸.

INTERCÂMBIO: Podemos afirmar que “não é mais verdade que, em nossa época, a psicanálise se encontra por toda parte e o psicanalista em outra parte”⁹. Nohemí Brown, com discrição e precisão, organizou 12 “entre-vistas”, na modalidade vídeo ou escrita, onde registramos o que os psicanalistas, a partir de sua experiência, têm a dizer a respeito de temas candentes na contemporaneidade. No X Congresso Mundial, a organização nos convocou para intervir, no último minuto, realizando entrevistas com analistas da AMP sob as ressonâncias das plenárias em seus corpos. As entrevistas foram editadas por Beth Medeiros, Dário Moura e Ernesto Anzalone, em tempo real, e já estão no *site* da EBP. Sou grata a cada um! Por outro lado, Marícia Ciscato, vivaz e decidida, responsável pela formalização do intercâmbio na modalidade das “Conversações”, mostrou-nos como que, de forma discreta e inesquecível, aconteceram 27 conversações em todo Brasil, sobre temas da atualidade, onde psicanalistas e outros campos de experiência puderam estabelecer, em espaços públicos abertos na cidade, “a Grande Conversação da psicanálise com a civilização”¹⁰. Cada seção e delegação, com sua singularidade, fez acontecer o laço entre o território lacaniano e a cidade. Ainda que o real participe do encontro dos analistas face à língua do Outro, não recuamos.

Miller, em *El banquete de los analistas*, destaca: “(...) Lacan propôs uma nova articulação entre dentro e fora, justamente para impedir que o banquete dos analistas

4 Valéria Ferranti.

5 Wellerson Alkmim e sua equipe.

6 Sarita Gelbert.

7 Eneida Medeiros.

8 Pablo Sauce e Bibiana Boggi.

9 Ato de Fundação, 1964.

10 Princípios do Ato Analítico, 2009.

se fechasse, não apenas para que entrasse gente nova, como também para impor outra topologia, na qual o fora passa para dentro.”¹¹ Estamos aí!

Por fim, a produção recolhida do trabalho dos cartéis, conversações e entrevistas compõem o conteúdo da *Ação Dobradiça em revista*, cuja execução se deu graças à disponibilidade libidinal e à transferência de trabalho de Fernanda Costa, que, mesmo sem ainda ser membro da EBP, fez acontecer esse espaço virtual para transmitir “como a ética psicanalítica pode direcionar uma intervenção, inspirar um ato na cidade”. A revista conta com quatro rubricas: Editorial, Entre-vista, Conversação e Radar cartelizante; além de um *link* para os arquivos das séries anteriores, cujo conjunto encontra-se instalado de forma permanente no *site* da EBP, graças ao cuidado impressionante de Celeste Hampton.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/radar-carterizante-5/>

11 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 41. Tradução nossa.

II. Projeto Editora EBP

Publicar e divulgar a orientação lacaniana, bem como conversar com o Outro social, são tarefas cruciais para a sobrevivência da psicanálise, para que ela possa se inscrever como um discurso cuja ação não é alheia aos impasses de sua época. O trabalho dedicado de Graciela Bessa teve aqui seu lugar. Fomos responsáveis pela publicação de 15 livros/revistas inteiramente editados sob nossa responsabilidade, um ainda a concluir, e mais cinco livros em parceria com outras editoras, onde não participamos do custo do projeto, mas contribuímos com o selo EBP. Ou seja, o selo da EBP esteve presente em 20 publicações, expandindo a transmissão que marca a orientação lacaniana. Paula poderá dizer o quão importante é essa experiência.

Desde a Declaração da Escola Una, sabemos que cabe à Escola ser êxtima para cada um, “determinando o *work in progress* de todos para dar à luz a uma verdadeira comunidade analítica integrada”¹². Uma condição, um princípio para vencer, ou seja, falhar da melhor maneira. Sobretudo, se consideramos o que indica a carta de Miller ao Brasil, em 1995: “o Brasil é múltiplo. [...] O Um da escola é frágil e será bem-vindo tudo o que venha reforçá-lo com uma condição – que o Múltiplo o aceite de bom grado”.

O resultado deste trabalho feito por muitos, cuja leitura segue às próximas páginas, me ensinou que a força da psicanálise de orientação lacaniana no Brasil não advém da dispersão, mas da reunião dos muitos, na solidão de cada um, num franco trabalho de Escola, a quem por fim agradeço, pelo que essa inominável oportunidade pode me fazer experimentar enquanto um real ensino extraído do funcionamento. Isso, para mim, é o que há de novo e o que me faz seguir adiante: um desejo de escola.

Convido-os a debulhar a riqueza de detalhes, que transmitem essa força, no relatório a seguir.

¹² Declaração da Escola UNA, 2000.

PROJETO
AÇÃO
DÓBRADIÇA



PROJETO DE AÇÃO LACANIANA DA DIRETORIA DA EBP

1. CARTEL: ÓRGÃO DE BASE DA NOSSA ESCOLA

Por Lucila Darrigo (Comissão Nacional da EBP)

Sobre a atualidade dos cartéis na EBP

Na Comissão Nacional da Diretoria de Secretaria, coordenada por Fernanda Otoni na gestão 2015-2017, coube-me zelar pelos cartéis da EBP. Fiquei responsável por efetivar as inscrições dos cartéis e das demandas pelo ‘procura-se cartéis’ no *site* da EBP. Este não é um trabalho meramente braçal ou burocrático, mas também os inclui.

Demanda, por um lado, um trabalho semanal e uma atenção cuidadosa com alguns detalhes de preenchimento das inscrições que são feitas no *site* pelos mais-um dos cartéis. Por outro lado, favorece um intercâmbio com os diretores e responsáveis pelas seções e delegações que pode resultar muito produtivo a partir dos questionamentos que são feitos nas duas vias.

Tive como um dos objetivos manter o catálogo de cartéis o mais atualizado possível. Isso me fez deparar com algumas dificuldades, das quais destaco duas:

1. A principal delas – e podemos verificar nos relatórios das Diretorias anteriores que não é algo novo – diz respeito à comunicação por parte dos mais-um da dissolução dos cartéis. Poderia dizer que esta ocorre na minoria dos casos.

De tempos em tempos, eu fazia um levantamento dos cartéis, verificando a data de início, e comunicava aos diretores que havia cartéis com datas vencidas (mais de dois anos de funcionamento). Eles, então, iam atrás dos mais-um para verificar a quantas andava o trabalho para depois me darem uma posição sobre a exclusão dos tais cartéis do catálogo no *site*. Além desse tempo de dois anos, sabemos que os cartéis se dissolvem por outras razões também. Durante aquela gestão, recebi, no máximo, cinco comunicações espontâneas de dissolução de um cartel... Temos 115 cartéis inscritos e estão todos na vigência dos dois anos, mas não há outra maneira de saber se todos estão funcionando a não ser a partir do compromisso do mais-um em comunicar a dissolução... Parece-me importante que o mais-um considere o compromisso que ele assume com a Escola de se responsabilizar por tal procedimento.

Recomendo que o texto escrito por Elza Marques e incluído no relatório da gestão anterior (2013-2015), além de ter sido publicado na *Dobradiça de Cartéis* n. 8, possa voltar a circular entre nós como orientador da função do mais-um.

2. Sobre a inscrição de cartéis-relâmpagos. Tem sido cada vez mais comum o uso do dispositivo do cartel no formato “fulgurante” ou relâmpago. Dessa forma, algumas vezes surgia a questão: inscreve-se ou não um cartel-relâmpago? Sabemos que a inscrição na Escola é um dos elementos que assegura o funcionamento do cartel, juntamente com a presença do mais-um e a delimitação do tempo de duração.

Há uma questão de ordem prática... não é da natureza do relâmpago se inscrever. É um relâmpago! Como pensar então uma forma de inscrevê-lo no Outro da Escola?

O que sobra de um cartel são os produtos endereçados à Escola. Não fazemos um catálogo/um inventário com o registro de todos os cartéis que já existiram durante esses 20 anos... Essa seria uma ideia contraditória à ideia do cartel. No momento em que ele é concluído e/ou dissolvido, puf!, ele deixa de existir no catálogo de cartéis da EBP. O registro de sua existência só vai se dar a partir dos produtos que desse encontro surgirem.

Além deste trabalho, cuidei também da rubrica Radar Cartelizante da ADR, onde eram recolhidos e publicados produtos de cartéis da EBP.

LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DO CATÁLOGO DE CARTÉIS/EBP

O número de cartéis declarados ao final desta gestão, 115, está muito próximo ao de dois anos atrás, 108. Isso que indica que o trabalho de agalmatização dos cartéis impulsionado pela gestão anterior continuou dando frutos e sendo, de alguma maneira, sustentado durante este biênio. Temos em torno de 580 cartelizantes trabalhando, sendo que 127 são membros. Dos 115, foram formados 25 cartéis sem membros (todos com o aval do diretor da seção ou do responsável da delegação onde foi inscrito); 19 cartéis se estabeleceram com dois membros ou mais. Dentre estes, três são constituídos exclusivamente por membros; 71 cartéis formados com um membro, não necessariamente na função de mais-um.

POR RUBRICA, os cartéis estão assim inscritos: 65 em “Clínica: teorias e práticas”; 10 em “Conexões”; 32 em “Leitura: conceitos fundamentais”; três em “Psicanálise e instituição”; dois em “Política” e três em “Centro de Atendimento”, totalizando 115 cartéis em abril de 2017.

POR SEÇÃO: na Bahia, temos dois cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas” e três cartéis inscritos na “Centro de Atendimento”, totalizando cinco cartéis. Em Minas Gerais, temos 22 cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas”; quatro na “Conexões”; cinco na “Leitura: conceitos fundamentais”; um na “Psicanálise e instituição” e um na “Política”, totalizando 30 cartéis. Em Pernambuco, temos quatro cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas”. No Rio de Janeiro, temos 10 cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas”; quatro na “Conexões”; 12 na “Leitura: conceitos fundamentais”; um na “Psicanálise e instituição” e um na “Política”, totalizando 28 cartéis. Em Santa Catarina, temos cinco cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e

práticas”; um na “Conexões”; um na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando sete cartéis. Em São Paulo, temos oito cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas”; dois na “Conexões” e quatro na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando 14 cartéis.

POR DELEGAÇÃO: no Espírito Santo, temos um cartel inscrito na rubrica “Clínica: teorias e práticas” e três na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando quatro cartéis. Em Goiás, temos três cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas” e um na “Conexões, totalizando quatro cartéis. No Maranhão, temos um cartel inscrito na rubrica “Conexões” e um inscrito na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando dois cartéis. Em Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, temos quatro cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas”; um na “Conexões” e três na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando oito cartéis. Na Paraíba, temos cinco cartéis inscritos na rubrica “Clínica: teorias e práticas” e dois na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando sete cartéis. No Paraná, temos um cartel inscrito na rubrica “Clínica: teorias e práticas” e um na “Leitura: conceitos fundamentais”, totalizando dois cartéis. No Rio Grande do Norte, temos um cartel inscrito na rubrica “Psicanálise e instituição”.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/radar-caracterizante-2/>

ENCONTROS ANIMADOS PELOS PRODUTOS DO CARTEL

Os produtos do cartel são apresentados em Jornadas Anuais das Seções e Delegações a que pertencem. Também se dirigem ao Encontro Brasileiro, que acontece de dois em dois anos, bem como ao ENAPOL e ao Congresso Mundial de Psicanálise. Cartéis se formam por ocasião desses eventos, endereçando seus produtos aos mesmos. Mais recentemente, vários cartéis têm se constituído em torno de questões de sociedade, principalmente sob as rubricas Política, Conexões, Psicanálise e instituição, investigando a contribuição da psicanálise aos impasses atuais de nossa época.

As Jornadas Anuais de Cartéis acontecem nas seções e delegações da EBP. Sua realização se destina especificamente à discussão do trabalho entre cartelizantes, seja de cartéis em andamento ou quando eles se dissolvem. Essas jornadas de cartéis têm participação ativa dos cartelizantes e, em algumas seções e delegações, na maioria das vezes, contam com a participação de convidados de outras seções da EBP ou Escolas da AMP animando a conversação.

Em algumas seções e delegações, acontecem as Noites de Cartéis, que podem ser mensais ou trimestrais, onde se apresentam o produto do cartel, ainda em elaboração. Nesse espaço, algumas seções acolhem as comunicações de trabalho de cartel ainda em curso, cujo tema seja pertinente aos Encontros da EBP/AMP. São considerados também os encontros de cartéis preparatórios a esses eventos. É um espaço aberto ao público, mas o convite é endereçado especialmente aos cartelizantes.

Em algumas seções e delegações, acontecem também as Manhãs/Noites de Cartéis, uma atividade semestral, com a proposta de provocar a discussão sobre o dispositivo do cartel, o mais-um e o manejo do pequeno grupo. Esses encontros geralmente ocorrem em torno de temas e/ou textos para debate. Tem sido frequente também a conversação entre mais-um e cartelizantes sobre os impasses no curso de um cartel e o que ensina essa experiência.

Em muitas seções e delegações, ainda acontece o momento “Procuram-se cartéis”, quando a comissão de cartel e intercâmbio de cada seção e delegação promove o encontro com os interessados em constituir um cartel. Nesse momento, muitos cartéis se formam. É também um momento importante para esclarecimentos sobre o modo de funcionamento desse dispositivo em nossa Escola aos que ainda não participaram da experiência de cartel.

O PRODUTO DO CARTEL

Além de sua apresentação em Jornadas e Encontros, muitos trabalhos são encaminhados para a publicação nas revistas de sua seção e delegação. Acrescente-se a isso a publicação mensal de textos de cartelizantes na rubrica Radar Cartelizante, da revista digital e mensal da Diretoria da EBP, a *Diretoria na Rede*.

O produto do cartel também tem se mostrado vivo quando comissões de trabalho têm se reunido como um cartel, para discutir projetos e impasses no trabalho de Escola, servindo de base para a proposição de ações no âmbito de nossa comunidade analítica.

Seguem quatro considerações cruciais extraídas da experiência com o trabalho de cartéis recolhidos de Diretores de Cartéis de Seções da EBP.

1.1. Cartel: lugar de trabalho dos impasses e possibilidades do Um e do múltiplo

Por equipe da Diretoria de Cartéis e Intercâmbio Seção Minas

Wellerson Alkmim (Diretor), Cristiana Ramos Ferreira, Anamaris Pinto, Margareth Ferraz, Marta Monteiro, Macela Almeida, Fernanda Costa (EBP-MG)

Não é possível pensar o cartel sem nos perguntarmos sobre os impasses e possibilidades entre o Um e o Múltiplo em nossa Escola, tanto no trabalho prático no cartel, como cartelizante ou mais-um, como nos desafios de uma Equipe de cartéis e intercâmbios para pensar a política desse dispositivo na instituição. Eis as perguntas que insistem: como o singular pode enlaçar-se? Como o gozo íntimo, por exemplo, com o saber, pode encontrar caminhos na via pública? O cartel é um laboratório privilegiado para pensar como o Um do gozo autístico, presente em nós, pode contribuir ou não impossibilitar a transferência de trabalho com vários, uma vez que, nesse dispositivo, nos deparamos tanto com a potência dessas articulações como com seus impasses e mesmo impossibilidades.

Somente agora, *a posteriori*, podemos dizer que nosso percurso como equipe privilegiou, inicialmente, isso que dificulta o laço com os vários, para, depois, construirmos, no trabalho com vários (equipe de cartéis, mais-um do nosso cartel, cartelizantes, colegas convidados para expor suas elaborações sobre cartéis), possibilidades práticas de intervenção.

Assim, no primeiro ano de trabalho (como consta em relatório em anexo), essa equipe se debruçou sobre a “crise do cartel”, pois, embora o cartel insista em Minas como um investimento importante, as dificuldades em formar um cartel ou fazer com que ele funcione como tal, permanece um desafio. Fizeram-se notar especialmente dois pontos: uma certa dificuldade em se encontrar um mais-um, e, ainda mais interessante, a crise estrutural de um cartel. A impressão é que, onde tem cartel, onde o Um propõe-se articular aos vários, ainda que com as mais legítimas intenções, isso não acontece sem uma metonímia infinita de efeitos colaterais (de cola, de grupo, de afetos e desafetos, de inibições, rompimentos – metonímia infinita...). Ainda assim, como foi possível recolher nas jornadas e em diversos testemunhos, às vezes uma produção própria e autoral insiste e persiste na experiência desse agrupamento peculiar que é um cartel.

Aí está sua potência. Entendemos que Lacan o criou como uma ferramenta para tratarmos as dificuldades da articulação do Um ao Múltiplo no coração de nossa Escola. É seguir em frente e apostar no laço de trabalho, mesmo que se saiba que a relação sexual não exista e que a produção desejável e própria de cada um só possa vir exatamente dessa fratura!

Assim, podemos pensar cada cartel como a Escola em seu “formato mínimo”, um saber que pode surgir a partir do “pouco” de laço, mínimo e fundamental para sustentarmos a psicanálise viva: não delirante, atual e ocupando seu lugar na vida pública, na cidade.

O que nossa pesquisa sobre “uma clínica da crise” nos ensinou é que a medida desse mínimo não se mantém “naturalmente”. Esse é o trabalho do mais-um e da Equipe de cartéis e intercâmbios: zelar por esse “formato”, essa forma minimal de política, de laço.

Em termos pragmáticos, chamou nossa atenção a contribuição de Sérgio Laia na nossa derradeira conversação sobre cartéis na EBP/MG: cabe à Equipe de cartéis e intercâmbios manter esse laço do múltiplo dos cartéis com a orientação lacaniana, dando lugar não só às produções, mas também às crises e desencontros. Disso a equipe já tinha convicção. Mas surgiu dessa conversação e nas outras discussões que se seguiram, propostas de intervenção. Aponto duas como um “bom começo”: a possibilidade de uma supervisão “da crise”, em trabalho junto ao mais-um, e a Equipe recolher, de cada cartel que se dissolve, um trabalho dizendo da experiência do cartel. Seriam formas de cuidar da essência dessa experiência inusitada que é um cartel, destacando o fato de que ela sempre tem consequências! É uma forma da vivência de cada um ser endereçada e recolhida, ainda que como resto, à nossa Escola.

(Segue, ainda, na página 30 as atividades realizadas por essa Diretoria)

1.2 Um convite à enunciação

Por Sarita Gelbert (EBP-RJ)

No cartel, na direção contrária à da religião, não há anonimato. Cada um assina seu nome com sua enunciação. Tentar tamponar a angústia com uma solução de massa anônima vai na direção contrária à do trabalho analítico. Cada um buscará sua resposta mais ou menos sinthomática na responsabilidade de seu trabalho. O mais-um tenta facilitar isto. Consideramos essa função delicada, pois há permanentemente uma demanda de mestria e supervisão.

Desde o início do nosso trabalho em cartel, foi brotando o significante ‘enunciação’, que também se transformou no princípio condutor do nosso trabalho. Nossa primeira jornada, em 2015, com a presença de Fernanda Otoni, recebeu o título “Convite à enunciação” e se abriu a isto. Chamava-nos, às vezes, a atenção um silêncio inibido, ou uma fala e escrita que entram num *automaton* de aforismos de Lacan ou do que pode ser escutado como palavra de ordem da Escola. Pode ser uma forma de anonimato que advém como reação a uma mestria suposta e idealizada.

(...) Agora nos encontramos no momento de concluir, com a jornada de primeiro de abril de 2017. Mais uma vez, aguardamos a enunciação (nosso significante condutor) de nossas verdades mentirosas que nos levam e trazem, mas sempre avançando...

1.3. Cartel-relâmpago

Por Valéria Ferranti (EBP-SP)

Outra forma de divulgar o dispositivo foi através dos cartéis-relâmpago. Um relâmpago risca o céu e vai embora, mas marca um antes e um depois: ou há tempestade ou apenas barulho, e só com o tempo da experiência poderemos colher seus efeitos.

O cartel-relâmpago põe a céu aberto o produto ali, na hora mesma em que é produzido. Seja através da reunião de vários cartéis que se formam para uma posterior conversação, ou uma reunião pública de um cartel que põe em debate o produto próprio a cada um, ou a convocação pela diretoria de um cartel para buscar elucidar um determinado conceito ou mesmo o próprio dispositivo.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/radar-carterizante-2/>

Com essa aposta, realizamos algumas atividades através do cartel-relâmpago, seguido de conversação nas cidades de São Paulo, São José e Ribeirão Preto, valendo-nos dos temas do VII ENAPOL, das Jornadas da Seção São Paulo e do Encontro Brasileiro.

Embora possamos considerar que haja uma questão quanto ao tempo – já que o cartel não prescinde da sua duração de um, no máximo dois anos –, avaliamos que foram experiências importantes para apresentar de modo mais amplo de que se trata o cartel.

Contamos com a presença de Romildo do Rêgo Barros, mais-um do cartel formado pela comissão da diretoria de cartéis, em uma atividade na Seção São Paulo sobre o lugar e a função do mais-um. Também através do “relâmpago”, o cartel constituiu-se por quatro membros da Seção São Paulo e se dissolveu ao fim da atividade, que despertou entusiasmo nos presentes.

1.4. Notas sobre cartéis, uma forma de dar-lhes “mais vida”!

Por Eneida Medeiros (EBP-SC)

Quanto à produção dos cartéis, estávamos em processo de bastante reflexão. Observávamos que os trabalhos publicados em Atas, via de regra, permaneciam arquivados na biblioteca da Seção e poucos ou quase nenhum era consultado e lido. Em função disso, decidimos sobre outra forma de fazê-los circular melhor, de dar-lhes “mais vida”, através de publicações eletrônicas.

Dessa maneira, iniciamos a circulação de um boletim em fevereiro de 2016, denominado *Notas sobre cartéis*, que, lançado com periodicidade indeterminada, tem como objetivo veicular para toda a mala direta da Seção os trabalhos dos membros dos cartéis que já foram dissolvidos e apresentados nos eventos destinados a esse fim. Aos leitores são apresentados os inícios dos trabalhos, remetidos para leitura integral no *site* da Seção. Já foram publicados quatro boletins: no primeiro *Notas*, publicamos os textos de Hugo Rosenthal, produto do trabalho que ele realizou no cartel “Eu é um Outro”, concluído em 2015, e de Leonardo Scofield, produzido no cartel “Adições, violência”, concluído em 2014. No segundo boletim, de março de 2016, foi publicado o trabalho de Jussara Jovita Souza da Rosa, intitulado “Antônia: uma oferta de silêncio no império das imagens”. Esse texto foi produzido a partir do trabalho realizado no cartel “O império das imagens”, dissolvido em 2015, alavancando os trabalhos da Seção em torno do tema do VII Enapol, realizado naquele ano. O segundo texto, “Segregações”, de Oscar Reymundo, proveio do trabalho do cartel “Adições, violência”, concluído em 2014 e apresentado em 2015.

No terceiro boletim, de maio de 2016, publicamos os trabalhos de cartéis de Monique Moreira Bez, “Fakebook e o reinado das imagens”, e de Renata Dabori, “A construção do eu e a constituição do sujeito”. Em novembro de 2016 saiu o quarto boletim com

a publicação dos trabalhos de Cleudes Maria Slongo, intitulado “Parcerias sintomáticas contemporâneas”, e de Oscar Reymundo, “Reflexões sobre o trans”. Sugestão para a próxima gestão: continuar privilegiando este espaço de publicações de trabalhos de cartéis.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/radar-caracterizante-no9-producao-de-ram-mandil-anamaris-pinto-antonio-euzine/>

1.5. I.U.F.I. e a cartelização no século XXI – quatro letras mais um desejo

Por Fernanda Otoni-Brisset (Diretora Secretária da EBP – 2015-2017)

Ram Mandil, conselheiro da AMP, na semana passada, convidou-me a refletir sobre “os efeitos sobre os cartéis das mutações dos laços sociais que se produzem no mundo”. A essa provocação, reuni o convite feito por Flora Kruger, Romulo Silva e Nohemí Brown e lancei-me numa leitura cruzada entre tais efeitos e a atualidade da proposta de cartelização à I.U.F.I., considerando a paisagem da EBP.

Leia mais em: <<http://www.lacan21.com/sitio/2017/04/10/i-u-f-i-e-a-cartelizacao-no-seculo-xxi-4-letras-mais-um-desejo/?lang=pt-br>>



<http://ebp.org.br/acaodobradica/radar-carterizante-no7-producao-de-carla-denyse-da-silva-cordeiro-carolina-maia-scofield-e-dinah-kleve/>

2. SOBRE AS CONVERSACÕES E INTERCÂMBIO COM A CIDADE

Por Marícia Ciscato (Comissão Nacional da EBP)

A Diretoria da Escola Brasileira de Psicanálise, “para bem dizer a ação lacaniana na EBP”¹, decidiu vivificar o significante “intercâmbio”, que nomeia as “diretorias de cartéis e intercâmbio” das Seções e Delegações da EBP, com o intuito de fazer pulsar não apenas a vertente de troca entre os psicanalistas que compõem nossa Escola, mas também a vertente de troca entre os psicanalistas e as cidades nas quais vivem e trabalham.

Miller, em *El banquete de los analistas*, lembra-nos que Lacan propôs à Escola uma fórmula que não permite que ela se encerre em si mesma: “Lacan propôs uma nova articulação entre dentro e fora, justamente para impedir que o banquete dos analistas se fechasse, não apenas para que entrasse gente nova, como também para impor outra topologia, na qual o fora passa para dentro.”²

Nesse sentido, a ideia inicial para um intercâmbio com as cidades girou em torno de fazer conversar psicanalistas e outros atores sociais, incluindo-nos em debates de interesse público, visando à pulsação e à transmissão da psicanálise. Ainda em *El banquete de los analistas*, Miller destaca que o saber extraído de uma análise apenas vale como saber se puder ser transmitido àqueles que *não têm* a experiência de uma análise: “É o que significa a transmissão da psicanálise. Não se trata de transmitir a psicanálise entre psicanalistas, mas precisamente àqueles que não o são.”³

Atentos a isso, vislumbramos dois vetores de ação: no primeiro, “de fora para dentro”, propusemo-nos estarmos abertos para escutar o que diz a “cidade”, trazendo, por exemplo, alguns convidados às nossas sedes, montando mesas-redondas, entrevistas, debates etc. No outro vetor, “de dentro para fora”, propusemo-nos participarmos de mesas, fóruns, conversas, em locais da cidade fora de nossas sedes, com um público diverso daquele que costuma frequentar as atividades de cada seção/delegação. Sabemos que ações como essas já fazem parte do dia a dia das atividades da Escola há algum tempo, mas não é o mesmo quando uma diretoria nacional decide apostar em fazer pulsá-las de um modo mais vivo, questioná-las entre nós; testar novos formatos; inventar outras aberturas.

1 OTONI-BRISSET, F. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Para-bem-dizer-a-acao-lacaniana-na-EBP.pdf>

2 MILLER, J.-A. *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 41. Tradução nossa.

3 MILLER. *El banquete de los analistas*, p. 43. Tradução nossa.

A ideia foi lançada aos diretores de cartéis e intercâmbio e cada seção/delegação encaminhou a proposta como melhor lhe pareceu. Tivemos, nesse sentido, uma pluralidade de ações, conforme é o estilo de nossa comunidade múltipla em torno do Um da Escola. Além das invenções locais, houve também propostas que partiram da EBP nacional e que aconteceram em algumas cidades – levadas de um modo independente das atividades organizadas pelas Seções –, como ocorreu no Rio e em São Paulo. Mais abaixo, apresentamos um levantamento das atividades realizadas.

Parece-me que a delicadeza dessa aposta esteve, desde o início, na dificuldade que nós, analistas, encontramos quando nos vemos diante do trabalho de tomarmos a palavra para pensarmos questões que dizem respeito ao nosso tempo – o que não é exatamente o mesmo que deixarmos a palavra nos tomar em nossas análises, como sujeitos, ou em nossos atendimentos, no lugar de objeto, mas que só é possível quando não se prescinde dessas experiências. Como incluir os efeitos de uma análise em debates públicos? Como se posicionar, sem abrir mão da psicanálise, em discussões coletivas? Como promover aberturas, deslocamentos, novas nuances? Como atuar, em conversas públicas, no sentido de fazer furo no cenário segregativo de nosso tempo? Como entrelaçar o singular ao coletivo? Essas questões estiveram presentes nas atividades dessa vertente de trabalho do intercâmbio, algumas realizadas com mais sucesso, outras com menos.

“Sucesso” aqui, a meu ver, significa que tenha se dado uma conversação, ou algo próximo à ideia de uma conversação, em que diferentes saberes e posições estão em jogo e o analista entra aí no intuito de contribuir para que as falas encontrem seus próprios furos e possibilidades de reviramento, a fim de produzir novas articulações em detrimento de acirrar cristalizações de ideias e posições segregativas, nas quais nem o gozo nem o desejo podem transparecer, e a responsabilidade subjetiva não se coloca em seu caráter radical.

Ao longo dos dois últimos anos, estivemos cientes da precariedade deste trabalho – como é próprio do fazer analítico, sempre às voltas com o que não funciona – e também do fato de que um debate mais ao estilo de uma conversação seja raro de se apresentar. Acreditamos, ainda assim, que se trata também de praticarmos, de trabalharmos em torno, de questionarmos atividades como essas e também nossa função aí. Consideramos que o esforço de manter viva esta vertente de nosso trabalho não deva se perder, correndo o risco de se perder também a própria psicanálise em nossos tempos. Desejamos, assim, que o trabalho siga com a nova Diretoria e que avance no sentido de podermos extrair mais e de aprendermos mais a partir dele.

LEVANTAMENTO DAS CONVERSAÇÕES E ATIVIDADES DE INTERCÂMBIO REALIZADAS

SÃO PAULO

► Conversação “O golpe na carne: experiência de jovens na ditadura militar”. (2016 – Organização da EBP nacional em parceria com a Seção SP, Editora Subversos e

Livraria Blooks.) Convidados: Elisa Ventura (proprietária da livraria Blooks) e Ivan Seixas, mediados por Marcela Antelo.

- ▶ Conversação “A loucura entre nós”. (2016 - Organização Ribeirão Preto.) Convidado: Marcelo Veras.

- ▶ Questões de gênero? A cada um seu sexo. (2015 - Organização da EBP nacional em parceria com a Seção SP, Editora Subversos e Livraria Blooks.) Convidados: a cineasta Tata Amaral e a cartunista Laerte com o tema “A cada um seu sexo”. Marcus André Vieira se encarregou de mediar.

RIO DE JANEIRO

- ▶ Conversação com estudantes que participam das ocupações das escolas secundaristas. (2016 - Organização Seção Rio.)

- ▶ Conversação sobre “Movimento Fora Valencius”. (2016 - Sede da EBP-Rio - Organização da EBP nacional.)

- ▶ Conversação “Gênero e sexo em nossa época”. (2016 - Maison de France - Organização da EBP nacional.)

- ▶ Três conversações promovidas pelo evento Rio Cidade Analítica: o corpo no século XXI. (2016 - Pínel - Organização da EBP nacional.)

- ▶ A que serve a ânsia de encarceramento? (2015 - Organização da EBP nacional em parceria com a Seção Rio, Editora Subversos e Livraria Blooks.)

- ▶ Em tempos sem líderes: o singular no coletivo. (2015 - Organização da EBP nacional em parceria com a Seção Rio, Editora Subversos e Livraria Blooks.)

- ▶ Violência e vergonha. (2015 - Organização da EBP nacional em parceria com a Seção Rio, Editora Subversos e Livraria Blooks.)

MINAS GERAIS

- ▶ O que enlaça e o que segrega? Conexões insensatas entre a psicose e o direito. (2015 – Tribunal de Justiça.) Convidados: Marie-Hélène Brousse, Jésus Santiago, Heleine de Castro, Simone Souto e Marcus André.

- ▶ Ação lacaniana: “Cartéis em Ato. Relatos de experiências de cartéis que produziram ações na cidade”. (2016 – Sede EBP.) Convidados: Ana Lydia Santiago e Carlos Henrique Luchina. Coordenadora: Anamaris Pinto.

- ▶ Conversa animada no espaço do Colóquio Internacional do OCA - Observatório da Criança e do Adolescente - sobre o tema “Mais além do gênero: o corpo adolescente e seu sintoma”. Conversa animada a partir do vídeo da conversação ocorrida na Livraria Blooks-SP, em parceria com a Seção São Paulo, sobre “Questões de gênero: a cada um seu sexo?”. (2016 - Praça do DA de Medicina/UFMG.)

► Ação lacaniana: “Cartéis na cidade”. Relatos de duas experiências com a lógica do trabalho de cartel: um trabalho de consultoria em uma grande empresa pública sob a óptica de amarração borromeana em pequenos grupos e uma experiência de dirigir um hospital psiquiátrico (IRS) a partir de um trabalho em cartel com efeitos sobre cada um de seus membros. (2016 - Sede EBP.) Convidados: Lázaro Elias Rosa e Wellerson Alkmim. Coordenação: Marcela Almeida.

► Discussão do filme *A loucura entre nós*, de Fernanda Vareille, baseado no livro de Marcelo Veras. (2016 – Espaço CCBB, Praça da Liberdade.) Convidados: Marcelo Veras, Juliana Saúde Barreto Krishanpal Kaur, Marta Soares e Fernanda Otoni-Brisset.

BAHIA

► Redução da maioria penal? Que solução é essa? (2015 - Conversa na sede da Seção Bahia.)

► Medicação não é preciso: viver é precioso. (2015 - Conversa na sede da Seção Bahia.)

SANTA CATARINA

► Discussão sobre a maioria penal. (2015 – Sede da Seção Santa Catarina.)

► Conversa após documentário sobre o tema Migração humana e refugiados. (2016 – Espaço Sol da Terra, na Lagoa da Conceição.) Convidados: Matheus Felipe de Castro, professor de Direito Constitucional e Filosofia do Direito na UFSC, e Cecília Braga, psicóloga e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Cultura (NEMPisC).

PARAÍBA

Foram realizadas cinco edições do Projeto Papo Furado:

► O que os jovens fazem na cidade, entre imagens e internet. Conversando com Jade (*designer* e tatuadora), Maria Fernanda (estudante de História, com trabalho de literatura na rede social). Local: Vila do Artesão em Campina Grande.

► Adolescência, idade do desejo. Jogos virtuais e a prática *cosplay*. Conversando com jovens na Livraria Nobel, em Campina Grande.

► O lugar da mulher na cidade. Conversando com Alliana (#LeiaMulheres), Marcinha Lima (fotógrafa, estudante de Arte e Mídia) e Valci Oliveira (artista plástica). Local: Restaurante mexicano Frida Tacos, em Campina Grande.

► Jovens infratores. Conversando com Maria Aparecida Souza (Conselheira Tutelar), Nercilla Dantas (delegada) e Valdeci Feliciano Gomes (professor de Direito). Local: Museu de Arte Popular da Paraíba.

► Ocupação da cidade pelos jovens. Conversando com Sávio Siqueira (filósofo platônista) e Lucas Moura (cientista político). Local: Museu de Arte Contemporânea da Paraíba.

PARANÁ

► Foi realizada uma conversação na cidade, na UFPR, no *campus* de Letras e Filosofia, com o tema “Juventude e contemporaneidade”. O convidado foi o filósofo argentino Fabián Ludueña. A atividade foi feita em meio às ocupações que aconteceram em Curitiba, inclusive na UFPR. No dia, a conversação viva e tocante nos possibilitou pensar sobre o que chamamos jovens, que posição é essa, as ocupações e o que as novas formas de laço social nos ensinam.

PERNAMBUCO

- Junho 2016 – Convidada: Sônia Vicente em Roda de conversa.
- Seminário e debate no Serviço de Psicologia Aplicada da UFPE, destinado aos estudantes de Psicologia.
- Julho 2016 – Convidada: Cassandra Dias em Roda de conversa.
- Entrevista do representante do UNICEF, que nos trouxe a experiência viva com o adolescente e sua problemática no campo social. O tema da entrevista foi: Qual a situação da juventude no Brasil?
- Agosto 2016 – Convidada: Paula Borsói em Roda de conversa.
- Atividade no CAPS-i, envolvendo a rede de saúde mental.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/conversacoes-intercambio-com-a-cidade-no9-video-a-tentacao-do-pu-bere-no-cinema-por-marcela-antelo-e-luiz-felipe-monteiro/>

3. AÇÃO LACANIANA ENTRE-VISTA

Por Nohemí Brown (Comissão Nacional da EBP)

Minha contribuição ao *Projeto Ação Dobradiça* tem sido através da seção Entre-vistas – um espaço para acolher o que analistas e pessoas, que se destacam em outras áreas do saber, podem dizer a respeito de temas candentes da contemporaneidade.

A modalidade de entre-vista foi desenvolvida em texto ou filmada (em vídeo), com falas pontuais e precisas, o que facilitou a transmissão, além de sua inserção na revista e divulgação. Algumas foram realizadas por mim; outras, por colegas da comissão ou colegas da EBP, inclusive. No total, foram 13, sempre contando com a firme orientação e direção de Fernanda Otoni, Diretora Secretária da EBP.

Os temas propostos iam sendo tecidos de acordo com as situações ou fenômenos na cidade, os quais, de alguma maneira, convocavam a tomar uma posição. A importância das entre-vistas, nesse contexto, é o de “entre ver” o que está em jogo para, se possível, decantar uma posição, abrir uma possibilidade de leitura do que esses acontecimentos implicam. Foram situações como: propostas de lei que parecem colocar aos jovens impasses ainda mais complicados dos que querem resolver, a proliferação do que é chamado de novas modalidades de identificações sexuais, as ocupações nas escolas no Brasil etc.

A pergunta que, de alguma maneira, se colocou diante desses temas, especialmente para os analistas, foi: “o que um analista tem a dizer?”. Não a psicanálise como disciplina abstrata, mas o que um analista pode dizer, um a um, sobre os fenômenos e situações que a contemporaneidade nos convoca. Impasses que se apresentam tanto na cidade como no consultório. De certa forma, que leitura, um a um, se pode fazer a partir da orientação que tomamos de Freud, Lacan e Miller.

As entre-vistas realizadas foram as seguintes, e podem ser assistidas ou lidas na *Ação Dobradiça em revista* (<[HTTP://EBP.ORG.BR/ACAODOBRADICA/CATEGORY/ACAO-LACANIANA-ENTRE-VISTA/](http://ebp.org.br/acaodobradica/category/acao-lacaniana-entre-vista/)>).

TEMA: REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

EM VÍDEO:

► Marcus André Vieira (EBP/AMP) por Nohemí Brown. Esta entrevista foi transcrita, estabelecida e publicada integralmente na revista *Latusa*, da EBP-RJ. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BEIPzSIoXKQ>>.

► J3sus Santiago (EBP/AMP) por Fernanda Costa. Dispon3vel em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6khXJM4qlGQ>>.

► R3mulo Silva (EBP/AMP) por Lucila Darrigo. Dispon3vel em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4TXQS9aodys>>.

TEMA: LOUCURA E SEGREGA33O

EM TEXTO:

► Marcelo Veras (EBP/AMP) por Nohem3 Brown.

EM V3DEO:

► EBP contra Manic3mios . Dispon3vel em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DIHXKH9oBE&feature=youtu.be>>.

TEMA: A CADA UM, SEU SEXO

EM V3DEO:

► S3rgio Laia (EBP/AMP) e Cristiane Cunha (EBP/AMP) por Fernanda Costa. Dispon3vel em: <<http://ebp.org.br/acaodobradica/sergio-laia/>>.

EM TEXTO:

► Oscar Reymundo (EBP/AMP) e Maria Josefina Fuentes (EBP/AMP) por Nohem3 Brown.

TEMA: POL3TICA E PSICAN3LISE

EM TEXTO:

► Jos3 Luiz Quadros Magalh3es (Mestre e Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professor Titular pela PUC-Minas e Associado pela UFMG. Coordenador da Rede pelo Constitucionalismo Democr3tico Latino-Americano - Regi3o Sudeste.) por D3bora Matoso e Guilherme Del Debbio.

TEMA: JOVENS GO

EM V3DEO:

► Dispon3vel em: <<http://ebp.org.br/acaodobradica/acao-lacanianana-entre-vista-no8-entrevistas-com-fhero-maria-wilma-s-de-faria-e-o-texto-de-damodara-rosalino-sobre-o-tema-jovens-go/>>.

► Fhero (artista pl3stico) por *A33o Dobradi3a*.

► Maria Wilma S. de Faria (EBP/AMP) por *A33o Dobradi3a*.

EM TEXTO:

► Damodara Rosalino (jovem aluno do Instituto de Psican3lise. Psic3logo em forma33o e jogador.) por *A33o Dobradi3a*.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/acao-lacadiana-entre-vista-no8-texto-de-philippe-lacadee-sobre-a-exposicao-de-jr-no-morro-da-providencia-no-rio-de-janeiro/>

TEMA: EXPOSIÇÃO DE JR NO MORRO DA PROVIDÊNCIA NO RIO DE JANEIRO

EM TEXTO:

- Philippe Lacadée por *Ação Dobradiça*.

Cabe também dizer que cada integrante da equipe *Ação Dobradiça*, na medida do possível, contribuiu para as outras rubricas da revista.

As *Entre-vistas* são um testemunho vivo do que implicou este projeto proposto pela Diretoria da EBP. Elas ainda se apresentam como uma possibilidade de extrair e aprender com as diferentes falas do que tocou a cada um e do que se conseguiu elaborar sobre esses fenômenos atuais. Agradeço a oportunidade de fazer parte dessa proposta.

EXTRA! EXTRA!

AÇÃO DOBRADIÇA ENTRE-VISTA esteve presente no X CONGRESSO DA AMP entrevistando diversos colegas sobre as ressonâncias do Congresso em seus corpos. Foram vários os convidados, vocês podem assistir por aqui, clicando no menu em *Entre-vista* no X Congresso Mundial da AMP: <http://ebp.org.br/acaodobradica/1019-2/>

4. AÇÃO DOBRADIÇA EM REVISTA

Por Fernanda Otoni-Brisset (Diretora Secretária da EBP – 2015-2017)

A ideia inicial foi alojar numa revista as ressonâncias das ações dos cartéis e intercâmbio na EBP, realizados nas seções e delegações, através da extração de uma questão de sociedade que implicasse a conversa da psicanálise com o Outro social, seja através do produto de cartéis registrados, conversações, entrevistas e atividades promovidas pela ampla Diretoria da EBP.

Avançamos, buscando agregar à *Revista Dobradiça*, já existente na EBP, o produto também recolhido da ação lacaniana, o que deu origem ao nome dessa publicação digital: *Ação Dobradiça em revista*.

Cada número da revista é dividido em quatro rubricas: Editorial, Ação Lacaniana Entre-vista, Conversação/Intercâmbio com a cidade e Radar cartelizante. A navegação na revista também permite entrar por onde o visitante desejar, seja através de cada rubrica, como peças soltas, ou também através de cada número da revista. As rubricas são:

Editorial: <<http://ebp.org.br/acaodobradica/category/editoriais/>>.

Ação Lacaniana Entre-vista: vídeos ou textos sobre temas em debate do momento atual. <<http://ebp.org.br/acaodobradica/category/acao-lacaniana-entre-vista/>>.

Conversações/Intercâmbio com a cidade: notícias das ações realizadas pelas seções e delegações. <<http://ebp.org.br/acaodobradica/category/conversacoes/>>.

Radar cartelizante: elaborações e produtos de cartéis. <<http://ebp.org.br/acaodobradica/category/radar-cartelizante/>>.

Séries anteriores: <<http://ebp.org.br/acaodobradica/series-anteriores/>>.

Durante a gestão dessa Diretoria (2015-2016) fizemos dez números, que podem ser acessados aqui: Revistas completas <<http://ebp.org.br/acaodobradica/revistas-completas/>>.

Cuidamos também para que as produções anteriores da *Revista Dobradiça* integrassem o *site*, na página da *Ação Dobradiça em revista*, formando o UM das publicações que dizem respeito à produção dos cartéis em nossa Escola, bem como as conversações e entrevistas sobre o momento atual na grande conversação da psicanálise com a sociedade. A Comissão Nacional reuniu os números da *Revista Dobradiça*, desde 2011, e os inseriu como “séries anteriores” (<<http://ebp.org.br/acaodobradica/series-anteriores/>>) dentro do *menu* da nova concepção da revista *on-line*, constituindo um acervo cuja memória da produção relativa aos cartéis, hoje, se encontra instalada de forma permanente no *site* da EBP, integrando o conjunto da *Ação Dobradiça em revista*.

Segue relato de Fernanda Costa, editora da *Ação Dobradiça em revista (ADR)*, que nos conta sobre sua concepção e execução.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/editorial-no7/>

5. CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO DA AÇÃO DOBRADIÇA EM REVISTA DA EBP

Por Fernanda Costa (Comissão Nacional da EBP)

A **concepção e execução** da *Ação Dobradiça em revista*, desde o início, esteve acompanhada de perguntas e desafios.

1) CONCEPÇÃO

Uma das primeiras indagações que surgiu foi: por que gerar mais conteúdo, uma nova revista, se a Escola Brasileira de Psicanálise já tem uma produção tão intensa, tanto em termos de quantidade como de qualidade?

A partir do momento em que a *Ação Dobradiça* foi tomando corpo e ficando mais claro, para a comissão nacional, seu projeto como parte da ação lacaniana na EBP, apareceram novos desafios. Pois, se essa orientação determinava uma intervenção decidida na cidade, a *Ação Dobradiça em revista* também deveria encontrar meios não só de circulação entre os psicanalistas, mas também de atingir o diálogo com um público mais amplo. Ou seja, a revista deveria contribuir para a psicanálise em extensão, sem abrir mão do rigor da psicanálise em intensão, sustentado pela EBP.

Ainda pensando nessa extensão, novos questionamentos surgiram: em um mundo saturado de textos e informações, que se acumulam nas nossas caixas de *e-mail*, no *feed* do nosso *Facebook*, nas mensagens do *WhatsApp*, muitas vezes sem serem nem acessados, como fazer uma revista que não seja mais uma dentre estes? O que poderíamos oferecer para causarmos o desejo de leitura e contribuirmos para a sustentação da causa analítica?

Embora todas essas dúvidas, havia convicções fundamentais: era patente a importância de um espaço para fazer circular a rica produção recolhida dos cartéis da EBP e dos trabalhos referidos à ação lacaniana. Ações em seções e delegações cheias de peculiaridades, mas que tinham em comum o fato de demonstrarem como a ética psicanalítica pode direcionar uma intervenção, inspirar um ato na cidade.

Estava claro para nossa equipe que a força desses trabalhos estava menos no que eles tinham de informativo ou puramente epistêmico, e mais na sua dimensão de enunciação. No *Seminário*, livro 18, *De um discurso que não fosse dos semblantes*, Lacan

afirma que “o discurso do analista não é outra coisa senão a lógica da ação”⁴. Ao meu ver, nesse contexto, a intenção de Lacan é sublinhar que apenas o discurso analítico pode causar efeitos de **ação**: fazer aparecer o sujeito da enunciação, a singularidade de um sintoma ou mesmo de um gozo. É isso que em psicanálise pode possibilitar uma mudança de posição: sair da inércia, da repetição acéfala. Então, esta foi nossa aposta e orientação: tentar recolher e transmitir, na *Ação Dobradiça em revista*, essa “ação” lacaniana, essa dobradiça, eixo (“cardo”) singular que se pode enlaçar (ou não) em um discurso, em uma Escola, em uma cidade.

2) EXECUÇÃO

A ideia da Comissão Nacional da Diretoria de Secretaria da EBP era que a *Ação Dobradiça em revista* estivesse mais próxima àquela “ação”, que privilegiasse mais um ponto de enunciação do que uma pura produção de sentidos e conteúdo. Isso definia um tipo de material específico e uma produção mais “enxuta”, mais condensada, para ser lida em pequenas “porções”.

A primeira ideia de formato que ocorreu à Comissão foi fazer um pdf com uma diagramação e cuidado estético que convidassem à leitura. Contudo, logo constatamos que, embora esse tipo de formato pudesse circular bem pelos membros de nossa Escola, sua linguagem não incentivava uma circulação mais ampla, tanto em relação aos psicanalistas, interessados ou praticantes mais jovens, quanto em relação à discussão ampliada com a cidade. Além disso, deixaria de fora outras linguagens importantes para o meio virtual, como vídeos, *gifs*... Sendo assim, surgiu a ideia de um blogue que logo ganhou uma assessoria técnica (Celeste Hampton). Assim, foi possível viabilizar as ideias da Comissão Nacional da Diretoria de Secretaria da EBP e traduzi-las no formato de uma revista virtual, além de alojá-la no *site* da EBP, mantendo uma coerência virtual com a ligação da *Ação Dobradiça* à ação lacaniana da EBP. Outro profissional que também foi necessário foi um revisor de textos (Luiz Morando).

Uma linguagem que se demonstrou bastante profícua em termos de circulação foi a produção de vídeos. Contudo, a especificidade técnica desse trabalho determinava um tempo para ser concluído, bem superior ao tempo dos outros tipos de matérias da revista. Felizmente, foi possível contar com colegas que tiveram contribuições fundamentais nessa área (Dário Moura, Beth Medeiros e Ernesto Anzalone).

Os cuidados “estéticos” com a revista também tiveram um desenvolvimento interessante. A princípio, as imagens eram escolhidas para deixar as matérias mais leves e atraentes. Nos últimos números, com a participação do fotógrafo Barnabé di Kartola e dos artistas Conrado Almada, Fhero PDF Crew e Fred Paulino, as ilustrações puderam

4 LACAN, J. *O Seminário*, livro 18: *De um discurso que não fosse dos semblantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2009. p. 57.

trazer mais que só uma contribuição plástica. Foram uma forma de intervenção e diálogo sobre as próprias matérias e ação lacaniana.

Outro ponto de investimento foi na forma de divulgação do trabalho que acontece no lançamento de cada número e que abrange desde *e-mails* até as diversas redes sociais. Para essa circulação, contamos com a confecção de um *mailing* e uma imagem representativa de cada edição para circular nas redes. Uma dificuldade que temos é avaliar o alcance e a circulação da revista. Nesse sentido, recentemente, neste número dez, contamos com uma ferramenta para nos ajudar nessa leitura.



<http://ebp.org.br/acaodobradica/conversacoes-intercambio-com-a-cidade-no6-noticias-sobre-oca-o-pipa-e-rabiola-e-uma-nota-de-christiane-alberti-sobre-os-estados-de-urgencia/>

PROJETO
EDITORA
EBP

6. PROJETO EDITORA EBP

Por Graciela Bessa (Comissão Nacional da EBP)

Por ocasião do Congresso de Membros da Escola Brasileira de Psicanálise, em abril de 2015, a Diretora Geral, eleita em Assembleia, Ana Lucia Lutterbach, decide criar a Editora EBP. Com muita alegria, recebo o convite de Fernanda Otoni-Brisset para compor sua equipe que durante dois anos cuidaria das publicações da Escola na qualidade de Coordenadora Técnica Editorial.

Um desafio. Não só em relação ao processo de editoração, composto pelo trabalho do revisor de português, o diagramador, a gráfica; como também viabilizar as edições num custo baixo. Contamos com o trabalho cuidadoso de Luiz Morando, sempre com boas sugestões para os impasses de nossa língua, e com o entusiasmo e a criatividade de Júlio Abreu, buscando soluções que nos favorecessem em termos de custos sem perder a elegância de um bom *designer* para o livro.

Durante esse percurso, alguns questionamentos apareceram, como, por exemplo, manter uma editora numa Escola que se declara sem fins lucrativos perante os órgãos do Estado. Deveríamos ceder de nosso desejo? Ana Lucia não cede, vamos adiante. A venda dos livros é para custear as novas publicações.

Miller, em seu texto “Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola”, faz uma reflexão de suma importância sobre o que é a Escola de Lacan e o que a distingue de outras Instituições de Psicanálise. No ato de fundação da *École de la Cause Freudienne*, Lacan não se oferece como um Ideal. Ele evoca a solidão subjetiva de cada um, a solidão em que cada um se encontra em relação à causa freudiana, ao dizer: “só como sempre estive em minha relação com a causa analítica”. Daí pensar a Escola “como a soma de solidões subjetivas, tendo como fundamento a lógica do um a um”.

É sob essa perspectiva que penso a importância da Editora da EBP na Escola. Nossas publicações não estão totalmente sob a égide do Ideal – como adverte Miller, não se zera o Ideal. Elas também trazem a lógica dessas solidões subjetivas, uma vez que são contribuições reunidas uma a uma, em que é possível verificar o modo como cada um avança na sua solidão com a Causa.

Na Escola de Lacan a publicação pode ser pensada como um dispositivo significante necessário, uma vez que institui a Escola como Sujeito Suposto Saber entremeado por nossas solidões. Podemos dizer, seguindo Miller no texto citado acima, que a publicação pode se inscrever sob a forma de “acontecimento de Escola”.

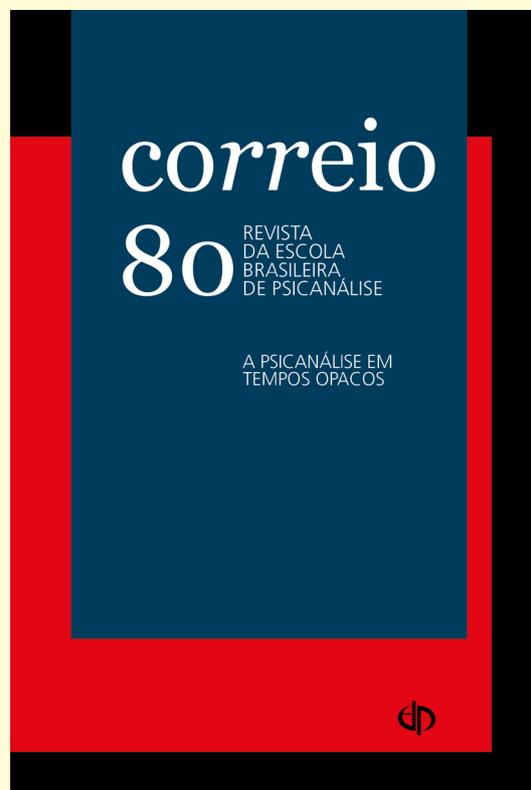
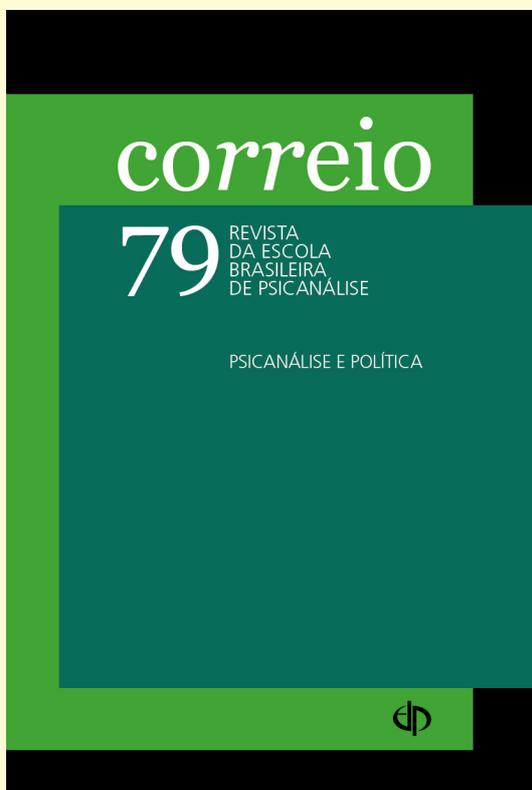
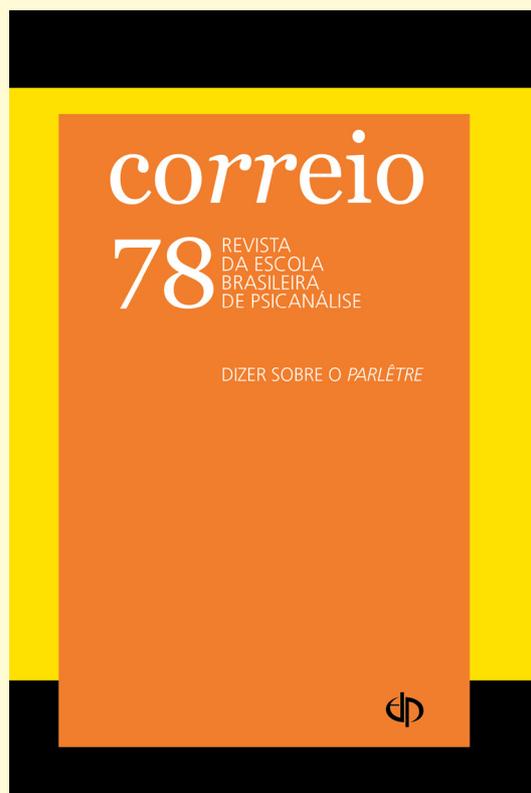
Com ela, é possível tornar público o que pensa a Escola. Esta foi a aposta.

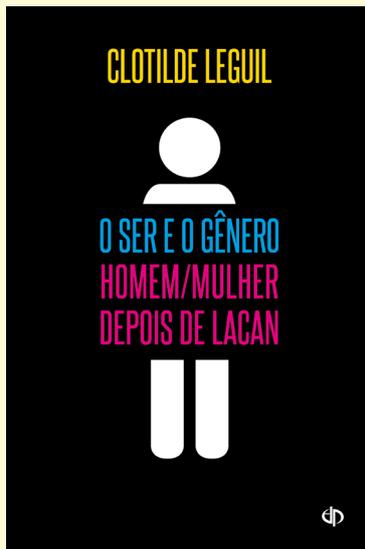
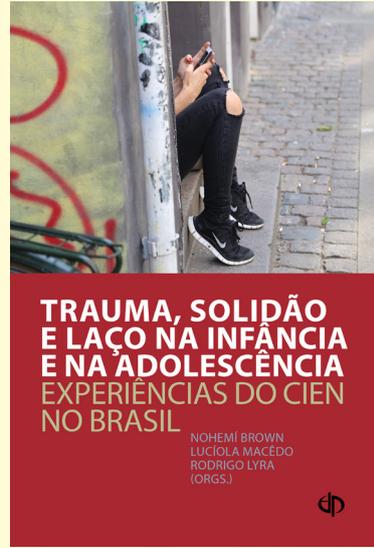
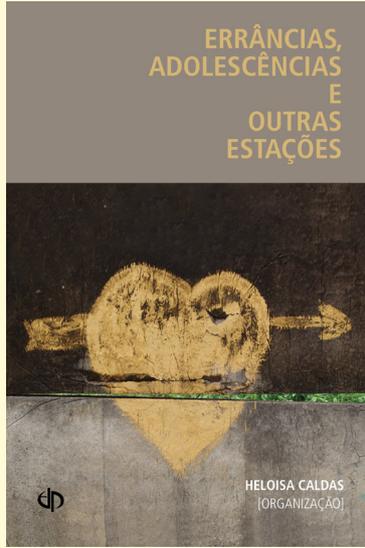
LIVROS E REVISTAS PUBLICADOS – PROJETO EDITORA EBP (2015-2017)

	ANO	LIVRO/REVISTA	MEMBROS RESPONSÁVEIS PELA EDIÇÃO/ORGANIZAÇÃO
1	2015	<i>Ser mãe</i>	Elisa Alvarenga
2	2016	<i>Bibliofalante</i>	Marcela Antelo
3	2016	<i>BiblioBook</i>	Marcela Antelo
4	2015	<i>Correio 77</i>	Lucíola Macêdo
5	2016	<i>Correio 78</i>	Lucíola Macêdo
6	2016	<i>Correio 79</i>	Lucíola Macêdo
7	2017	<i>Correio 80</i>	Lucíola Macêdo
8	2015	<i>Le réel mis à jour, au XXI siècle</i>	Luis Fernando Carrijo (ainda não publicado)
9	2016	Catálogo Impresso e envelope	Fernanda Otoni-Brisset
10	2016	Catálogo Digital	Fernanda Otoni-Brisset
11	2016	<i>Arquivos Biblioteca 12</i>	Leda Guimarães
12	2017	<i>Arquivos Biblioteca 13</i>	Leda Guimarães
13	2016	<i>Ser e o gênero</i>	Andréa Reis
14	2016	<i>Errâncias, Adolescências e outras estações</i>	Heloisa Caldas
15	2017	<i>A experiência do CIEN no Brasil</i>	Nohemí Brown, Lucíola Macêdo e Rodrigo Lyra
16	2016	Ação Dobradiça em Revista	Fernanda Otoni-Brisset

PARCERIA EBP COM OUTRA EDITORA

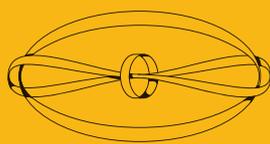
	EDITORA PARCEIRA	ANO	LIVRO	AUTOR/ ORGANIZADOR
1	Autêntica	2017	<i>Psicopatologia lacaniana</i>	Antônio Teixeira e Heloísa Caldas
2	KLM	2016	<i>Biblio Seminário 6</i>	Mirta Zbrum
3	Scriptum	2016	<i>Scilicet – O inconsciente e o corpo falante</i>	Simone Souto e Vera Avellar Ribeiro
4	Scriptum	2015	<i>Supereu/Uerepus</i>	Sérgio Campos
5	Scriptum	2016	<i>Obesidade em Jovens</i>	Sérgio Campos

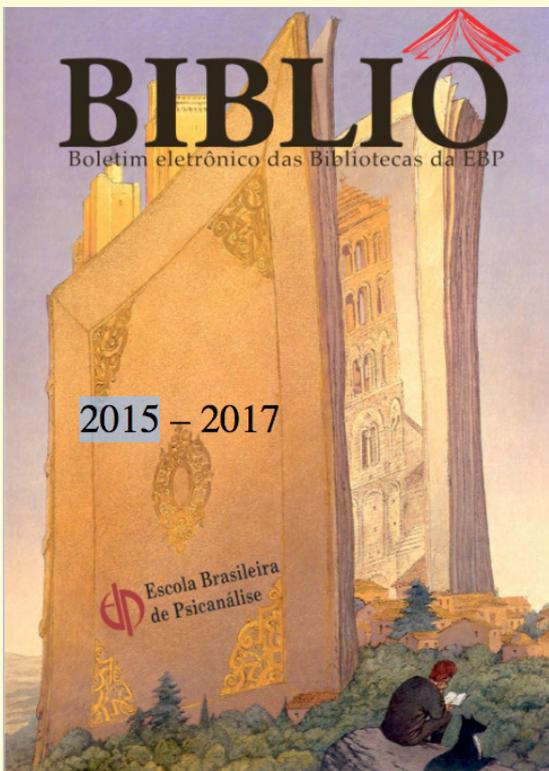
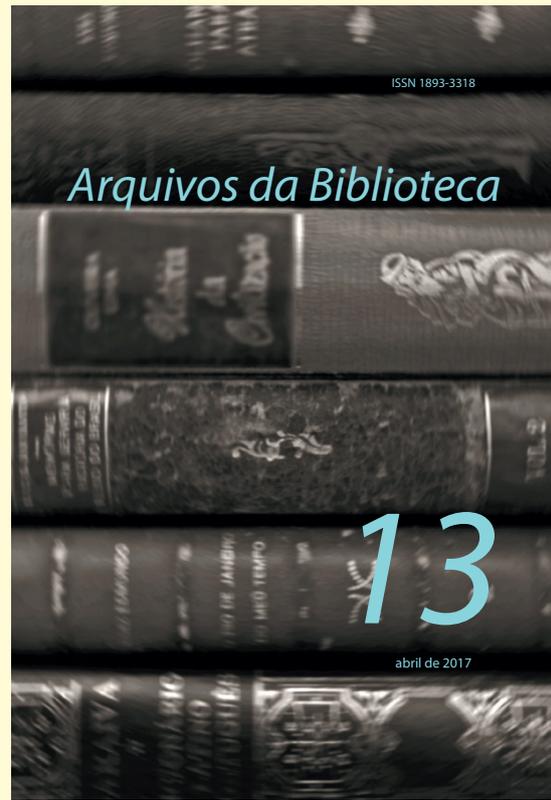




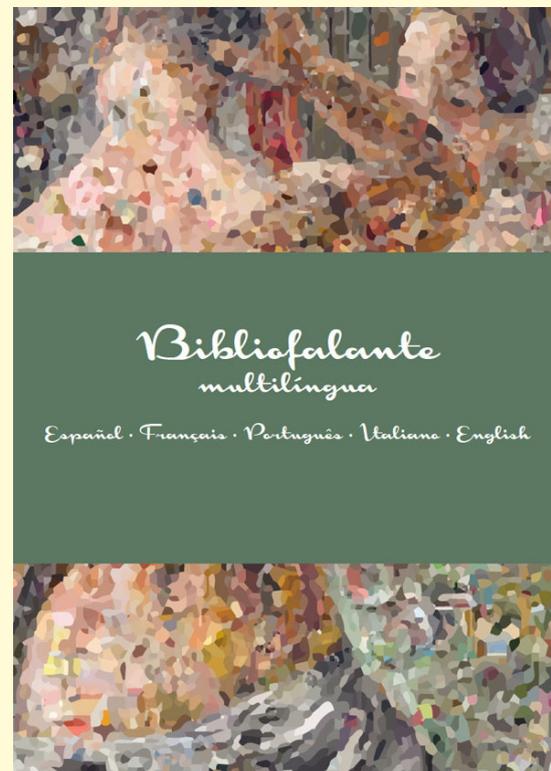


Escola
Brasileira
de
Psicanálise
2016





<http://www.ebp.org.br/category/biblio/referencias-biblio/>



<http://www.ebp.org.br/category/biblio/referencias-biblio/>



PROJETO DE AÇÃO LACANIANA
DA DIRETORIA DA EBP

<http://ebp.org.br/acaodobradica/>

INFORME DAS
DIRETORIAS DE
CARTÉIS E
INTERCÂMBIOS
DAS SEÇÕES DA
ESCOLA
BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE

7.1 Seção Bahia – EBP

Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Pablo Sauce

Na Seção Bahia, o dispositivo de cartel em sua versão “Relâmpago” ocupa um lugar especial, sendo a modalidade que mais se destaca.

Em lugar de Noites de cartel, temos destinado no próprio Seminário de Formação Permanente um lugar para essa elaboração e produção, a partir dos eventos descritos a seguir.

CARTÉIS-RELÂMPAGOS: em função da organização de Jornadas e Seminários em nossa Seção, assim como dos eventos de Intercâmbio com a cidade, foi proposta a criação de cartéis-relâmpagos para elaborar questões referidas ao tema e provocar a conversação.

- ▶ Intercâmbio: produto: questões dirigidas às mesas.
- ▶ Cartel-relâmpago A redução da maioria penal.
- ▶ Cartel-relâmpago A medicalização da infância.
- ▶ Eventos: produto: apresentação no Seminário de Formação Permanente e questão elaborada aos convidados.
 - ▶ Cartel-relâmpago Homossexuais em análise. Para a Jornada sobre Autismo e Homossexuais em análise, com Enric Berenguer.
 - ▶ Cartel-relâmpago Autismo. Para a mesma Jornada.
 - ▶ Cartel-relâmpago Luto, melancolia e mania. Para o Seminário homônimo, de Nieves Soria.
 - ▶ Cartel-relâmpago Transferência com crianças. Para a apresentação de Marta Serra, na XX Jornada da EBP-BA.
 - ▶ Cartel-relâmpago Adolescência e desejo. Para o Seminário de Guy Briole, na XX Jornada da EBP-BA.

CARTÉIS:

- ▶ Em 2015, existiram seis cartéis ativos inscritos;
- ▶ Com mais cinco cartéis ativos em processo de inscrição, trabalhando temas referidos ao nosso próximo Congresso Mundial;
 - ▶ Há interessados inscritos no “Procura-se cartel”, sob diversos temas;
 - ▶ Jornada 2015: decidimos incluir dentro de nossa XX Jornada uma mesa específica para os produtos de cartel.
 - ▶ Jornada 2016: não houve mesa específica para os produtos de cartel.
 - ▶ Até a presente data, há cinco cartéis declarados na Seção Bahia. Por outra parte, constatamos a existência de vários cartéis em funcionamento que ainda não foram

declarados. Inclusive, alguns começaram a se organizar, encerrando sua atividade antes de chegarem a ser declarados, devido, por exemplo, à saída de um membro.

Verificamos que a procura de cartéis é bem mais preponderante nas pessoas mais novas, especialmente as que estão se aproximando da Seção; e que os membros não manifestam tanto interesse por ele. Portanto, consideramos de fundamental importância servir-nos desse dispositivo para acolher as pessoas que se interessam pela psicanálise e se aproximam de nossa Escola.

A Seção Bahia, através do IPB, tem quatro portas de entrada principais, procuradas pelos estudantes ou psicólogos recém-formados: a Especialização, o Curso Regular, os Ateliês de Leitura e os Núcleos de Pesquisa.

Na primeira, já existe uma prática sistemática do trabalho em cartel sob a modalidade “relâmpago”. Nas outras três, há um incentivo para a formação de cartéis a partir dos efeitos do trabalho de leitura e discussão. Sobre a modalidade “relâmpago”, muito utilizada em nossa Seção, ainda não achamos uma via de formalização e registro através de sua inscrição no *site* da EBP.

Recentemente, foi criada a Rede Assistencial, que funciona sob a modalidade de cartéis. No dia 2 de abril, a convite dos coordenadores, tive a oportunidade de falar para os membros dos cartéis sobre a razão e atualidade dessa ‘máquina de guerra’ no campo freudiano.

Tínhamos previsto uma Jornada de Cartéis para junho de 2016. Porém, com uma agenda apertada, acabamos transferindo-a para a própria Jornada da Seção, em outubro, quando houve, em parceria com os Núcleos do IPB e a Especialização, a formação de cartéis-relâmpagos sob o tema da adolescência.

Em relação ao Intercâmbio, em 2016 a agenda acumulada com atividades com convidados acabou nos deixando sem espaço para uma atividade específica de intercâmbio com a cidade, como as que foram realizadas em 2015.

Constato que na Seção Bahia, a multiplicidade de ações, vindas fundamentalmente de atividades do Instituto, não apresenta um caráter alinhado; o que, a meu ver, dificulta bastante, dispersa, a ação lacaniana. Isso nos apresenta um desafio.

7.2 Seção Minas – EBP Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Wellerson Alkmim

Não é possível pensar o cartel sem nos perguntarmos sobre os impasses e possibilidades entre o Um e o Múltiplo em nossa Escola, tanto no trabalho prático no cartel, como cartelizante ou mais-um, como nos desafios de uma Equipe de cartéis e intercâmbios para

pensar a política desse dispositivo na instituição. Eis as perguntas que insistem: como o singular pode enlaçar-se? Como o gozo íntimo, por exemplo, com o saber, pode encontrar caminhos na via pública? O cartel é um laboratório privilegiado para pensar como o Um do gozo autístico, presente em nós, pode contribuir ou não impossibilitar a transferência de trabalho com vários, uma vez que, nesse dispositivo, nos deparamos tanto com a potência dessas articulações como com seus impasses e mesmo impossibilidades.

O texto na íntegra está na pagina 16 deste relatório.

ATIVIDADES | 2015

MARÇO: Noite “Procuram-se cartéis”.

ABRIL: Videoconferência, no que toca à função de intercâmbios, visando um mapeamento do trabalho de cartéis em Minas Gerais e um chamado para a Jornada de Junho.

JUNHO: Mesa: 4 mais UM. Apresentação de relatos de experiência de quatro colegas da EBP-MG, exercendo a função de mais-um, com intervenções, o colega italiano Domenico Cosenza, presidente da SLP, convidado para a Jornada de Cartéis.

Jornada de Cartéis com a presença ativa de Domenico Cosenza e 30 trabalhos inscritos.

AGOSTO: Noite “Acham-se cartéis” possibilitou a formação de novos cartéis.

OUTUBRO: Mesa com o título “O mais-um e o desejo de mais-um”, com intervenção de Jesús Santiago e Lázaro Elias Rosa como debatedor.

NOVEMBRO: Mesa com o título “O mais-um e o manejo do pequeno grupo”, tendo como convidado Antônio Beneti e Luiz Henrique Vidigal como debatedor.

Realizado levantamento dos cartéis com período de dois anos e contato com cada um para termos ideia de seus destinos.

A Diretoria trabalha em cartel cujo mais-um é Lázaro Elias Rosa.

ATIVIDADES | 2016

MARÇO: Videoconferência com colegas do interior, função de intercâmbio, a respeito do que é um cartel, sua origem, sua função enquanto órgão de formação, a constituição etc. Houve um longo debate e o interesse de maior participação da noite **Acham-se cartéis**.

ABRIL: Foi realizada a noite “Acham-se cartéis”, com formação de novos cartéis.

MAIO: Realizada a noite preparatória para a Jornada de Cartéis em 2 de maio de 2016, orientada pela busca de estabelecer relações entre os significantes Cartel e Crise. Tal tema foi amadurecido a partir de uma provocação de Domenico Cosenza na Jornada de 2015, com uma pergunta se a crise não faria parte da estrutura do cartel, a partir de texto apresentado por Sérgio de Campos.

JUNHO: Realizada a Jornada de Cartéis nos dias 3 e 4 de junho, com a participação do colega da EOL, Fabian Naparstek.

AGOSTO: Ação lacaniana: “Cartéis em ato”. Relatos de experiências de cartéis que produziram ações na cidade. Convidados: Ana Lydia Santiago e Carlos Henrique Luchina. Coordenadora: Anamaris Pinto.

SETEMBRO: Ação lacaniana: “Cartéis na cidade”. Relatos de duas experiências com a lógica do trabalho de cartel: um trabalho de consultoria em uma grande empresa pública sob a óptica de amarração borromeana em pequenos grupos e uma experiência de dirigir um hospital psiquiátrico (IRS) a partir de um trabalho em cartel com efeitos sobre cada um de seus membros. Convidados: Lázaro Elias Rosa e Wellerson Alkmim. Coordenação: Marcela Almeida.

OUTUBRO: Dissolução de cartéis: “[...] é de se perguntar o que - na estrutura dos cartéis - é passível de mudança e o que deve ser uma constante, elemento sem o qual o cartel deixaria de ser um cartel.” (Ram Mandil) Convidados: Sérgio Laia e Henri Kaufmanner. Coordenadora: Fernanda Costa.

2017 – ATIVIDADES PREVISTAS:

MARÇO: “Encontram-se cartéis”.

MAIO: Ação lacaniana na cidade: O inconsciente em conexões.

JULHO: Jornada de Cartéis.

Número de cartéis inscritos na EBP-MG em março de 2017: 30.

Equipe da Diretoria de Cartéis e Intercâmbios:

Wellerson Alkmim (diretor)

Sérgio Mattos (diretor adjunto)

Cristiana Ramos Ferreira, Anamaris Pinto, Margareth Ferraz, Marta Monteiro, Macela Almeida, Fernanda Costa.

7.3 Seção Pernambuco – EBP Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Bibbiana Poggi

Durante a gestão 2015-2017, a Diretoria de Cartéis e Intercâmbios planejou e desenvolveu algumas ações, cujos principais objetivos foram estimular o uso do dispositivo como meio de transmissão do ensino de Lacan, promover o intercâmbio entre as seções e, igualmente, entre outros discursos – psicanálise e educação, saúde mental, arte. Para atingir os objetivos, foram realizadas algumas ações descritas sucintamente.

► O acolhimento de questões referentes ao funcionamento do cartel a fim de esclarecer seu funcionamento.

► Atividades “cartel-relâmpago” entre os participantes das diferentes atividades de ensino, com o objetivo de *agalmatizar* o dispositivo.

► Criação de espaços para a apresentação do produto do cartel nas jornadas da Seção Pernambuco.

Atualmente, constam quatro cartéis inscritos na Seção.

Além das ações descritas acima, foi de responsabilidade desta diretoria elaborar o programa de ensino e transmissão para as atividades nesta gestão. Para tanto, foram definidos dois objetivos: focar a formação do analista e favorecer “a psicanálise na cidade”. A seguir, é descrita, de maneira breve, cada atividade realizada.

1. ABERTURA DAS ATIVIDADES:

As atividades foram iniciadas em março de 2015, com a presença de Nora Gonçalves, que desenvolveu o tema “A clínica de orientação lacaniana e seus operadores nos sintomas atuais”. A atividade atingiu um público composto pelos membros da Seção e pela comunidade local. (A atividade foi elaborada numa parceria entre a diretoria atual e a diretoria que assumiria em abril de 2015.)

2. ATIVIDADE EM PARCERIA COM O CONSELHO:

Orientação lacaniana: durante 2015, foi estudado o *Seminário IV – O desejo e sua interpretação*, de Jacques Lacan. Em 2016, o seminário *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos*, de Lacan, de Jacques-Alain Miller.

3. ATIVIDADE PREPARATÓRIA PARA ENCONTROS DA EBP/AMP E JORNADAS:

Nesta atividade privilegiou-se o intercâmbio com colegas da EBP. No trabalho dos temas relacionados aos encontros, em alguns casos, foi possível promover a troca com outros discursos.

Em 2015 compareceram à Seção PE:

Luis Fernando Carrijo – Depoimento de Passe. Seminário na sede da Seção.

Ana Lydia Santiago – Apresentação do trabalho publicado no livro *O que esse menino tem?*.

Tânia Abreu – Exibição e debate do filme *A céu aberto*.

Carlos Augusto Niceas – Seminário na sede da Seção. Lançamento do seu livro *Introdução ao narcisismo: o amor de si*, numa livraria da cidade.

Marcelo Veras – Seminário na sede da Seção. Conversação com o núcleo de saúde mental.

Jornada: O tema da Jornada realizada nos dias 16 e 17 de outubro de 2015 foi “O espetáculo das imagens e suas múltiplas satisfações”. Os convidados foram Romildo do Rêgo Barros, Fernanda Otoni-Brisset e Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros.

Em 2016, compareceram à Seção PE:

Luis Fernando Carrijo – Seminário na sede da Seção, seguido por roda de conversa.

Sônia Vicente – Seminário na sede da Seção, seguido por roda de conversa. Seminário realizado para alunos na clínica da UFPE.

Cassandra Dias Farias – Seminário na sede da Seção, seguido por roda de conversa com representante do UNICEF.

Paula Borsói – Seminário na sede da Seção, seguido por roda de conversa. Conversação clínica no CAPS-i com profissionais da saúde mental.

Jornada: O tema da jornada realizada nos dias 28 e 29 de outubro foi “Juventude transviada, hoje?”. Seus convidados foram: José Fernando Velasquez, Nohemí Brown e Mônica Hage.

4. ATIVIDADES DIRIGIDAS À COMUNIDADE LOCAL:

- ▀ Curso de psicanálise de orientação lacaniana.

- ▀ Seminários de extensão oferecidos pelos membros:

Um mais além... o feminino. Coordenação de M. Eliane Neves Baptista e Rosane da Fonte.

Ferramentas da psicanálise lacaniana aplicadas na experiência analítica: o grafo do desejo, as fórmulas da sexuação e a teorização de Lacan sobre os nós borromeanos. Coordenação: Gisella Sette Lopes

Fundamentos lacanianos do amor de transferência. Coordenação: Elizabete Siqueira

Problema de criança ou criança problema? Coordenação: Bibiana Poggi e Rosa Feitosa

Núcleos de pesquisa que permaneceram em funcionamento durante o biênio:

- ▀ Conversando com a saúde mental.

- ▀ Psicanálise com criança e adolescentes – Pastoril.

- ▀ Psicanálise e direito.

- ▀ Autismo.

Equipe: Bibiana Poggi – Diretora de cartéis e intercâmbio.

Larissa Souto Maior

7.4 Seção Rio de Janeiro – EBP Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Sarita Gelbert

O trabalho de cartel da diretoria se iniciou com a leitura de dois textos de referência de Lacan: “Proposição de 9 de outubro” e “Ato da fundação”.

A indagação sobre as razões que levaram à criação do cartel e do estabelecimento de sua importância para a formação do analista foram as questões que guiaram nosso trabalho. Lacan havia vivido intensamente os efeitos de grupo na sua formação...

Hoje, dois anos depois, valendo-nos do conceito de *a posteriori*, tão caro a Freud, damos conta de que nosso cartel e nosso trabalho de diretoria vivenciou alguma resposta àquela indagação inicial.

No pronunciamento que fez em 1975, por ocasião do discurso de encerramento das Journées d’Études des Cartels, da Escola Freudiana de Paris, Lacan comparou o funcionamento do grupo religioso e o do cartel. O grupo religioso é marcado pela sustentação de uma massa anônima. Já no cartel, diz Lacan, “há um laço entre número reduzido e o fato de que cada um tenha seu nome nesse pequeno grupo”. O tamponamento do real promovido pela religião repercute na civilização com um efeito inicial de apaziguamento, para logo depois mostrar os efeitos mortíferos que o narcisismo das pequenas diferenças elevado a uma grande potência traz. Por exemplo, segregação e exclusão.

No cartel, na direção contrária à da religião, não há anonimato. Cada um assina seu nome com sua enunciação. Tentar tamponar a angústia com uma solução de massa anônima vai na direção contrária à do trabalho analítico. Cada um buscará sua resposta mais ou menos sintomática na responsabilidade de seu trabalho. O mais-um tenta facilitar isto. Consideramos essa função delicada, pois há permanentemente uma demanda de mestria e supervisão.

Desde o início do nosso trabalho em cartel, foi brotando o significante ‘enunciação’, que também se transformou no princípio condutor do nosso trabalho. Nossa primeira jornada, em 2015, com a presença de Fernanda Otoni, recebeu o título “Convite à enunciação” e se abriu a isto. Chamava-nos, às vezes, a atenção um silêncio inibido, ou uma fala e escrita que entram num *automaton* de aforismos de Lacan ou do que pode ser escutado como palavra de ordem da Escola. Pode ser uma forma de anonimato que advém como reação a uma mestria suposta e idealizada. Da mesma forma, nosso trabalho ouviu o chamado da ação lacaniana junto com os apelos que a escuta de cada um e os acontecimentos da cidade brotavam.

Vários cartéis se formaram para trabalhar a relação da psicanálise e cidade.

A nossa orientação foi acolher e mesmo incentivar tais iniciativas. Chamamos Pedro Gabriel Delgado para trocar ideias sobre o momento delicado em que se encontra

a saúde mental; ouvimos encantados os depoimentos de jovens que trabalham no Colégio Pedro II com o professor Luís Guilherme Santos na oficina Ato Zero. Entender o que se passa com a juventude hoje, instigados pela fala de Jacques-Alain Miller no texto sobre adolescente, pelo momento político e pela ocupação das escolas, nos levou a um encontro com o jovem Torless de Robert Musil, que também vivia sua adolescência em tempos difíceis no início do século passado. Assim, nossa diretoria coordenou alguns seminários de ação lacaniana.

Alguns cartéis se formaram a partir dos encontros de “Procuram-se cartéis”

Observamos que o cartel é um precioso caminho para a entrada de sujeitos transferidos à Escola: proporciona a possibilidade de uma entrada original e com menos efeitos superegoicos de grupo.

Continua a pergunta: por que é um dispositivo menos utilizado pelos membros?

Agora nos encontramos no momento de concluir, com a jornada de primeiro de abril. Mais uma vez, aguardamos a enunciação (nosso significante condutor) de nossas verdades mentirosas que nos levam e trazem, mas sempre avançando...

7.5 Seção Santa Catarina – EBP Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Eneida Medeiros

ATIVIDADES DE CARTÉIS:

1) Noite preparatória para o VII ENAPOL, acontecida em 21 de maio de 2015, com a comunicação dos trabalhos em curso de um cartel, cujo tema foi pertinente ao Encontro.

**DIRETORIA DE INTERCÂMBIO E CARTÉIS CONVIDA:
ATIVIDADE PREPARATÓRIA PARA O VII ENAPOL**

Cartel: O Império das Imagens



Imaginário, identificações e laço social - Jussara Jovita S. da Rosa (Mais-Um) / (analista praticante)
Imagem e gozo - Denise Wendhausen (analista praticante/aluna do Curso de Psic. da Orientação Lacaniana)
A imagem do corpo para além do narcisismo - Laureci Nunes (analista praticante, membro EBP/AMP)
FaKebook e o reinado das imagens - Monique Bez (analista praticante)
Selfies e a mostra da felicidade - Sílvia Ghizzo (analista praticante/aluna do Curso de Psic. da Orientação Lacaniana)

Coordenadora da mesa: Eneida Medeiros Santos (analista praticante, membro EBP/AMP – Diretora de Intercâmbio e Cartéis).

Dia: 21/05/2015 às 20h30m
Local: Rua Jerônimo Coelho, 280, ed. Sudameris, Centro, sala 901.
Informações: 3222-2962 – ebpsc48@gmail.com
ATIVIDADE ABERTA E GRATUITA

 Escola Brasileira de Psicanálise

2) Noite de dissolução de um cartel (18 de agosto de 2015) que já vinha funcionando desde junho de 2013. As noites de dissolução de cartéis foram uma alternativa para os cartéis que já vinham funcionando há muito tempo e que, segundo nossa avaliação, perderiam um pouco da vivacidade do final dos trabalhos se apresentassem na Jornada de Cartéis, que aconteceria muito tempo depois. Esta foi uma modalidade nova de trabalho na Seção e trouxe resultados bastante favoráveis, principalmente porque manteve o significativo “cartel” circulando na comunidade que gravita em torno da Seção, via *e-mails*, *Facebook* etc. A atividade também motivou os cartelizantes para a apresentação imediata de suas produções, gerando efeitos positivos entre eles.



3) Noite de dissolução de dois cartéis realizada em 22 de setembro de 2015.



4) Jornada de dissolução de cartéis, realizada nos dias 17 e 18 de junho de 2016. Fernanda Otoni-Brisset, Diretora Secretária e responsável pelos cartéis da EBP, esteve presente na Jornada e fez uma conferência com o título “O cartel e a ação lacaniana”.



PROGRAMAÇÃO JORNADA DE CARTÉIS 2016 – EBP SEÇÃO SC

17/06/2016 (sexta-feira)

19:00 - Abertura: Eneida Medeiros Santos - Psicanalista, membro da EBP/AMP e Diretora de Cartéis e Intercâmbio da Seção SC da EBP.

19:10 - Conferência O cartel e a **ação lacaniana**.

Fernanda Otoni-Brisset - Psicanalista, membro da EBP/AMP e Diretora responsável pelos Cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise.

20:30 - Apresentação dos trabalhos do cartel:

Parcerias sintomáticas contemporâneas. Coordenador: Gresiela Nunes Rosa.

Ana Maria Lima de Carvalho: “Do (des)encontro com o objeto nas parcerias sintomáticas”.

Carla Denyse da Silva Cordeiro: “Jackson Pollock, um amor sem engano”.

Cleudes Maria Slongo (mais-um): “Parcerias sintomáticas contemporâneas”.

Cristiane Milaneze: “A mulher e o amor”.

Daniel Felix de Campos: “*Falasser* feminino - nota acerca da devastação”.

18/06/2016 (sábado)

14:00 - Apresentação dos trabalhos do cartel:

Cartel clínico. Coordenador: Sandra Cristina da Silveira.

Adriana de Oliveira: “Prof., eu preciso te falar uma coisa...”.

Leonardo Scofield: “Da estrutura clínica e do modo de gozo na experiência analítica”.

Mônica Machado Cunha e Mello: “Reflexões de uma jovem analista”.

Monique Moreira Bez (mais-um): “Um adolescente, uma instituição e um analista”.

Renata Dabori: “Do gozo às possíveis invenções, efeitos de um cartel clínico”.

15:30 - Apresentação dos trabalhos do cartel:

Leis e subjetividades contemporâneas: o que a psicanálise tem a dizer sobre isso.

Coordenador: Diego Cervelin

Carolina Maia Scofield: “Corpo e sexualização: o que as transexualidades nos ensinam”.

Jussara Jovita Souza da Rosa (mais-um): “Transexualidade e subjetividade contemporânea”.

Oscar Reymundo: “Reflexões sobre o *trans*”.

Rafael Cherobin: “O ‘trans’ da política”.

17:00 - A política, a psicanálise e os jovens: *what’s up?* - Fernanda Otoni-Brisset

18:00 - Encerramento: Cíntia Busato - Psicanalista, membro da EBP/AMP.

5) Em 27 de agosto de 2016, no Espaço Sol da Terra, na Lagoa da Conceição, fizemos o primeiro encontro do Projeto Ação Lacaniana em Florianópolis. O projeto, vinculado à EBP via Diretoria de Cartéis e Intercâmbios, reinstaurou o movimento de sair da sede da Seção e inserir-se na cidade. No formato de uma conversação, convidamos pessoas de outras áreas, com outro olhar sobre um tema que causou algum impasse no momento. Como o espaço é um cinema, a atividade começou com um curta-metragem sobre o tema escolhido. O tema foi Migração humana e refugiados. Como convidados tivemos Matheus Felipe de Castro (professor de Direito Constitucional e Filosofia do Direito na UFSC) e Cecília Braga (psicóloga e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Cultura - NEMPisC), que acolhe e ouve pessoas nessa situação. Realmente foram ótimas escolhas!

Matheus traçou um panorama de inserção desse tema e nos disse que essa situação marginal sempre esteve presente na nossa civilização, desde a época das navegações e descobertas de novos continentes, quando o invasor se apropriava da terra e colocava povos inteiros sob seu domínio, iniciando um processo de mercantilização mais abrangente e feroz. Depois disso, a Revolução Francesa e a Industrial acirraram esse processo discriminatório, que, após a Segunda Grande Guerra, tem se mostrado cada vez mais aterrador, perverso e sem saída. De maneira clara e apaixonada ao mesmo tempo, foi muito instigante ouvi-lo.

Cecília trabalha diretamente com os refugiados e nos mostrou com gentileza e precisão o quanto está envolvida na pesquisa e esforço de tornar esse processo – tão dolorido e difícil, que é se deparar com o que é estranho tanto objetiva quanto subjetivamente – um lugar de criação de laços e aprendizado. Ela mesma uma migrante voluntária, Cecília tem uma escuta delicada e atenta no sentido de não fixar esses sujeitos no lugar de vítima, sem negar o quanto de fato o são.

Pretendemos dar continuidade a essa atividade no próximo ano, estabelecendo uma regularidade para sua realização.



6) Quanto à produção dos cartéis, estávamos em processo de bastante reflexão sobre esse ponto. Observávamos que os trabalhos publicados em Atas, via de regra permaneciam arquivados na biblioteca da Seção e poucos ou quase nenhum era consultado e lido. Em função disso, decidimos sobre outra forma de fazê-los circular melhor, de dar-lhes “mais vida”, através de publicações eletrônicas. Dessa maneira, iniciamos a circulação de um boletim em fevereiro de 2016, denominado “Notas sobre Cartéis” que, lançado com periodicidade indeterminada e que tem como objetivo veicular para toda a mala direta da Seção os trabalhos dos membros dos cartéis que já foram dissolvidos e apresentados nos eventos destinados a esse fim. Aos leitores são apresentados os inícios dos trabalhos que são remetidos para leitura integral no site da Seção. Já foram publicados três boletins: no primeiro “Notas” publicamos o texto de Hugo Rosenthal, que foi um produto do trabalho que ele realizou no Cartel “Eu é um Outro”, concluído em 2015 e o segundo de Leonardo Scofield, texto produzido no Cartel “Adições, Violência, concluído em 2014. No segundo boletim, de março de 2016, foi publicado o trabalho de Jussara Jovita Souza da Rosa, intitulado “Antônia: uma oferta de silêncio no império das imagens”. Esse texto foi produzido a partir do trabalho realizado no cartel, “O império das imagens”, que foi dissolvido no ano de 2015, alavancando os trabalhos da Seção em torno do tema do VII Enapol, realizado neste mesmo ano. O segundo texto, “Segregações”, de Oscar Reymundo, proveio do trabalho do cartel “Adições, violência”, concluído em 2014 e apresentado em 2015.

No terceiro boletim, de maio de 2016, publicamos os trabalhos de cartéis de Monique Moreira Bez, “Fakebook e o reinado das imagens” e de Renata Dabori, “A construção do eu e a constituição do sujeito”. Em novembro de 2016 saiu o quarto boletim com a publicação dos trabalhos de Cleudes Maria Slongo, intitulado “Parcerias sintomáticas contemporâneas” e de Oscar Reymundo, cujo título é “Reflexões sobre o trans”. Sugestão para a próxima gestão: continuar privilegiando este espaço de publicações de trabalhos de cartéis mas tentar incluí-los nas publicações da Seção.

7) Foi realizada uma atualização do *link* “Cartéis” do *site* da EBP Seção SC, incluindo novos textos de apresentação, os novos cartéis e acrescentando os trabalhos dos membros dos cartéis que já foram dissolvidos.

AVALIAÇÃO E SUGESTÃO:

O cartel na Seção Santa Catarina continua sendo um dispositivo procurado para a formação dos psicanalistas. As atividades realizadas resultaram em ótimos encontros e ganhos significativos no âmbito epistêmico e de incremento do trabalho de cartéis na Seção. A atividade da ação lacaniana na cidade foi muito importante para a Seção. Entretanto, devido ao grande acúmulo de trabalhos, não pudemos realizar os encontros que tínhamos programado, mas pretendemos incentivar sua continuidade.

Tendo em mente a grande satisfação que observamos nos cartelizantes face à apresentação e publicação de seus trabalhos de conclusão de cartel, sugerimos que os próximos Diretores de Cartéis mantenham as jornadas de cartéis e também mantenham ou criem melhores meios de divulgação e circulação desses trabalhos. Já existem trabalhos frutos de cartéis aguardando uma nova jornada para apresentação.

Situação dos cartéis:

Cartéis que se dissolveram em 2015 e 2016:

- 1) O império das imagens. Início: 10/11/2014.
- 2) Adições, violência. Início: 05/08/2014.
- 3) Eu é um outro. Início: 12/06/2013.
- 4) Leis e subjetividades contemporâneas: o que a psicanálise tem a dizer sobre isso.

Início: 04/03/2015.

- 5) Parcerias sintomáticas contemporâneas. Início: 22/09/2014.

- 6) Cartel clínico. Início: 07/04/2015.

Novos cartéis declarados na Escola:

- 1) Amor e desejo. Início: fevereiro de 2016.
- 2) O inconsciente e o corpo falante. Início: outubro de 2015.
- 3) Desejo e fantasia. Início: fevereiro de 2017.

- 4) Melancolia. Início: janeiro de 2017.
- 5) Adolescência e sexualização. Início: dezembro de 2016.
- 6) Por que uma topologia lacaniana? Início: novembro de 2016.

Cartéis que se dissolveram em 2017:

- 1) Nas pegadas do objeto *a*. Início: outubro de 2016.

7.6 Seção São Paulo – EBP Diretoria de Cartéis e Intercâmbio

Por Valéria Ferranti

A Diretoria de Intercâmbio e Cartéis da Seção São Paulo orientou suas ações para difundir o dispositivo de base da nossa Escola: o cartel.

O trabalho das diretorias que precederam esta gestão deixou seu legado. O cartel é um dispositivo presente entre nós – tanto entre os membros como aqueles que frequentam a Escola e tiveram sua transferência endereçada.

No entanto, é sempre necessário ter no horizonte que o cartel não é óbvio e seu funcionamento precisa ser discutido, esclarecido, difundido. Nessa perspectiva, realizamos uma reunião aberta a todos os interessados no contexto de nossas Jornadas de 2015, bem como reuniões aperiódicas com o título “Procura-se cartel”. Encontros entre aqueles que se aproximam pela primeira vez, mas também dos que já têm a experiência com o dispositivo onde foi possível, em várias situações, em que os participantes se juntassem pelo tema, implicando ali o nascedouro de uma possível transferência de trabalho. Para alguns uma novidade: trabalhar com desconhecidos.

Outra forma de divulgar o dispositivo foi através dos cartéis-relâmpagos. Um relâmpago risca o céu e vai embora, mas marca um antes e um depois: ou há tempestade ou apenas barulho, e só com o tempo da experiência poderemos colher seus efeitos.

O cartel-relâmpago põe a céu aberto o produto ali, na hora mesma em que é produzido – seja através da reunião de vários cartéis que se formam para uma posterior conversação, ou uma reunião pública de um cartel que põe em debate o produto próprio a cada um, ou a convocação pela diretoria de um cartel para buscar elucidar um determinado conceito ou mesmo o próprio dispositivo.

Com essa aposta, realizamos algumas atividades através do cartel-relâmpago seguida de conversação em São Paulo, São José e Ribeirão Preto, valendo-nos dos temas do VII ENAPOL, das Jornadas da Seção São Paulo e do Encontro Brasileiro.

Embora possamos considerar que haja uma questão quanto ao tempo – já que o cartel não prescinde da sua duração de um, no máximo dois anos –, avaliamos

que foram experiências importantes para apresentar de modo mais amplo de que se trata o cartel.

Contamos com a presença de Romildo do Rêgo Barros, mais-um do cartel constituído pela Comissão da Diretoria de Cartéis em uma atividade na Seção São Paulo sobre o lugar e a função do mais-um. Também através do “relâmpago”, o cartel constituiu-se por quatro membros da Seção São Paulo e se dissolveu ao fim da atividade, que despertou entusiasmo nos presentes.

Buscando ir além de São Paulo, cada integrante da comissão desta Diretoria propôs para a cidade onde vive e pratica a psicanálise uma atividade sobre os cartéis. Em São José, a enunciação cartelizante teve lugar quando um cartel, que se dissolvia e concluía sua experiência, foi convidado a falar aos interessados sobre a experiência mesma de trabalhar em um cartel ou do produto de caráter mais epistêmico. Naquela ocasião, Heloisa Telles animou a conversa. Ribeirão Preto apostou em reuniões públicas de cartel já constituído. Em uma dessas reuniões, contamos com a presença de Marcelo Veras.

Atualmente, há 15 cartéis declarados na Seção São Paulo, ou seja, aproximadamente 75 pessoas trabalhando via cartel. Consideramos um bom número de envolvidos, mas é possível ir além. As Jornadas de Cartéis é o momento de acolher e colocar a céu aberto o produto dos cartelizantes e dos mais-um. Infelizmente, foi realizada apenas uma Jornada nesta gestão – ponto que considero frágil.

Para a Jornada que aconteceu em junho de 2016, apostamos no protagonismo dos produtos próprios a cada um em sua experiência de investigação no cartel. Os produtos endereçados às jornadas foram agrupados por tema em mesas de conversação. Coube ao debatedor recortar pontos, articular os trabalhos e fazê-los conversar. Contamos com a presença de Simone Souto, colega de Minas Gerais que, da plateia, animou a conversa junto com os demais participantes, e de Romildo do Rêgo Barros, que gentilmente veio a São Paulo trabalhar conosco. Entendo que essa estratégia de Jornada – onde o convidado não é o protagonista – é uma das maneiras que a Seção tem de acusar o recebimento do produto do cartel. Ainda nessa direção, à guisa de sugestão, que haja em cada Seção, ou mesmo no *site* da Escola, uma biblioteca digital com os produtos dos cartéis. Todos os cartelizantes e mais-um poderiam enviar seus produtos que, se dentro das orientações de publicação da nossa Escola, poderiam ficar disponíveis.



O Intercâmbio também está presente na ação desta Diretoria, como afirma Fernanda Otoni, “(...) infiltrada como passageira clandestina nos tecidos discursivos da cidade (...)”. Uma anfitriã discreta, que se deixa tocar pelos outros discursos.

Em parceria com Lucila Darrigo – integrante da comissão nacional de cartéis –, conseguimos um lugar na cidade, uma livraria, a Blooks, que cedeu espaço, infraestrutu-

ra e parte da divulgação para que algumas conversações pudessem acontecer. A primeira reuniu a cineasta Tata Amaral e a cartunista Laerte com o tema “A cada um seu sexo”. Marcus André Vieira se encarregou de mediar. A segunda conversação teve como tema “O golpe na carne”, quando Elisa Ventura (proprietária da Livraria Blooks) e Ivan Seixas, mediados por Marcela Antelo, puderam conversar sobre a experiência de jovens na ditadura militar. Denso e instigante, pudemos ouvir as memórias e as marcas deixadas por esse terrível momento da história. Fica a vontade de seguir com essas conversações, quando a Escola se faz presente na cidade, indo além de seus muros.

Ainda inscrita no intercâmbio, convidamos a professora Dra. Francirosy Campos Barbosa Ferreira, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, para tratar do tema “O que é o Islã?”. Antropóloga com larga experiência sobre o tema, além de situar o Islã, pôde falar sobre o lugar dos jovens na cultura muçulmana.

Infiltrados na invenção dos jovens, convidamos a ONG É nós na fita – que realiza cursos de formação na área do audiovisual com jovens da cidade – para realizar um filme sobre as nossas Jornadas de 2016, cujo tema “Infância e adolescência: impasses e saídas” abordava exatamente essa idade da vida. Não se tratava de uma encomenda ou de uma documentação das Jornadas: interessava-nos o olhar dos jovens sobre um “bando” de psicanalistas que se reuniram por dois dias para falar sobre eles. O curta ficou excelente! Com humor e curiosidade, os jovens também foram tocados pela psicanálise.



Esta foi minha primeira experiência em uma função institucional da nossa Escola. Experiência que convocou o ser e a alma. Muito trabalho, muito entusiasmo. Passado o tempo da gestão, cabe agora recolher os efeitos de formação e também se debruçar sobre uma questão muito curiosa: a comissão de cartéis da Seção, constituída por Marilsa Basso, Lucila Darrigo e Cristina Gallo – a quem agradeço imensamente pela parceria –, decidiu trabalhar em cartel. Para isso, convidamos Romildo do Rêgo Barros, para a função de mais-um, que prontamente aceitou o convite. Apesar de termos realizado algumas reuniões como um cartel, ele nunca chegou de fato a se constituir.

INFORME DAS
COORDENAÇÕES
E SECRETARIAS
DE CARTÉIS
E INTERCÂMBIO
DA DELEGAÇÕES
DA EBP

8.1 Coordenação de Cartéis da Delegação do Espírito Santo – EBP

Coordenadora: Tânia Regina Anchite Martins

Atualmente, na Delegação da Seção Espírito Santo da EBP, temos quatro cartéis inscritos.

Realizamos Noites de Cartéis mensais e, duas vezes por ano, um encontro que ocorre aos sábados visa provocar a discussão de questões sobre o cartel e sua relação com a Escola – é a Manhã do Cartel. Temos ainda um “Procuram-se cartéis fixos na Escola” e outro que as pessoas recebem por *e-mail* e se inscrevem respondendo a esse *e-mail*.

Observamos que houve uma importante revitalização do cartel na Delegação, com cartéis em funcionamento, pessoas buscando o “Procuram-se cartéis”, Jornadas anuais com muitas atividades e apresentações de quase todos os cartelizantes em trabalho.

Temos notado inclusive uma maior aproximação de pessoas em relação à Escola pela via do cartel. Vários dos nossos cartelizantes não são correspondentes da Delegação quando decidem trabalhar em um cartel inscrito na Escola.

Em relação ao funcionamento do cartel na Delegação, observamos que os cartéis têm encontrado dificuldade para escolher seu mais-um fora do cartel, optando, então, pela escolha do mais-um entre os cartelizantes que se reuniram. Para trabalhar esse ponto, propusemos discutir a função do mais-um em uma Manhã do Cartel.

Outro ponto que pensamos como crítico a partir de nossa última Jornada foi a apresentação de textos muito longos, que demandaram tempo demais de apresentação em detrimento do debate. Decidimos, então, para nossos eventos de cartel, delimitar os textos em poucas páginas, sugerindo uma localização mais precisa das questões e maior espaço para a discussão.

O que pensamos como ação de intercâmbio foi a presença, em nossa próxima Manhã de Cartel, de Claudia Murta, membro da Escola e mais-um de um dos cartéis em funcionamento, que tem adotado a metodologia do cartel como prática de ensino na Universidade. Nós a convidamos para interferir em uma discussão que fizemos sobre o Cartel Fulgurante.

Em 4 e 5 de dezembro de 2015, realizamos nossa VII Jornada de Cartéis, com a apresentação de 14 trabalhos e a presença de Fernanda Otoni, Diretora de Cartéis da EBP.

Em 9 e 10 de dezembro de 2016, realizamos nossa VIII Jornada de Cartéis, para a qual tivemos 11 textos inscritos, todos seguindo a orientação da comissão de não excederem três páginas. Naquela ocasião, recebemos Lucíola Freitas de Macêdo, membro do Conselho da EBP responsável pela Delegação ES.

Comissão de Cartéis da Delegação ES
Tânia Regina Anchite Martins (coordenadora)
Gabriel Coimbra Carvalho
Hitala Maria Campos Gomes (acolhimento)
Lucas Fraga Gomes

8.2 Coordenação de Cartéis da Delegação de Goiás/DF – EBP

Coordenadora: Giovana B. B. Heinemann

ATIVIDADES:

21/11/2015 – Manhã de Cartéis – Cartel: Formação e dissolução

No evento, aconteceram a apresentação da Secretaria e seus objetivos, a leitura comentada do texto de J.-A. Miller, “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”, e a apresentação de um vídeo com o testemunho de experiência de cartel e de sua dissolução por Giovanna Quaglia. Conversamos com os interessados em cartel, seu funcionamento, sua função na Escola e também a possibilidade do encontro entre aqueles que desejam estar neste dispositivo.

A Secretaria de Cartéis e Intercâmbio tinha a proposta de uma atividade mensal, com o estudo de um texto e a participação dos cartéis inscritos na EBP. Quando necessário, teríamos outros encontros, como, por exemplo, atividades preparatórias. Buscamos esclarecer sobre o caminho para se inscrever um cartel na Escola e sobre as regras e os limites do cartel (função do mais-um, tempo de duração e condições de existência e dissolução). Aproveitamos para relançar o “Procura-se um cartel” na Delegação GO/DF.

Abertura e apresentação da Secretaria de Cartéis e Intercâmbio: Giovana B. B. Heinemann. Leitura comentada do texto de J.-A. Miller, “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”, por Cristiano A. Pimenta.

12/12/2015 – Atividade Preparatória (Cartéis-relâmpagos) para o X Congresso da AMP, O CORPO FALANTE – Sobre o inconsciente no século XXI (Rio de Janeiro – abril/2016).

CARTÉIS-RELÂMPAGOS:

Verbetes do Scilicet

Acontecimento (e gozo do corpo) – Sergio Caretto (SLP)

Corpo falante/falasser – Antonio Di Ciaccia (SLP)

Falasser e inconsciente – Rose-Paule Vinciguerra (ECF)

14/05/2016 – Atividade Manhã de Cartéis – reunião dos cartéis que estavam em atividade e inscritos para apresentação de seus respectivos trabalhos.

A Secretaria também ficou com a incumbência da orientação lacaniana no Centro-Oeste. Foi estudado quinzenalmente o seminário *Peças soltas*, de Jacques-Alain Miller, e houve cinco encontros dedicados ao estudo do seminário *O banquete dos analistas*.

Em parceria com a Biblioteca da Delegação GO/DF, foi realizada uma série de atividades nos Ateliês de leitura. Essas atividades aconteceram em Brasília: foram realizadas duas leituras estruturantes – *O osso de uma análise* (2015/2016 - 15 encontros de leitura) e o *Seminário 6* (2016/2017 - sete encontros até o momento).

8.3 Coordenação de Cartéis da Delegação do Maranhão – EBP

Coordenadora: Carmen Damous

Na Delegação Maranhão, a Secretaria de Intercâmbio e Cartéis, no período de 2015 a 2017, tornou-se um grande desafio para nós, que vínhamos divididos em várias atividades (alguns cursos, Ateliês de leitura, Seminários, Jornadas) para um número reduzido de participantes efetivos.

Conseqüentemente, constatamos que necessitávamos de todo um movimento de libidinização desse dispositivo-base de nossa Escola de Orientação Lacaniana, colocando-nos em constantes chamadas no Boletim Eletrônico (mensal) e frequente inserção desse tópico de pauta em nossas reuniões ordinárias.

Algumas articulações resultaram na formação de dois cartéis iniciais:

1) TEMA: AS PSICOSES

Início em 13 de fevereiro de 2016, com a rubrica “Leitura - conceitos fundamentais”.

Cartelizantes:

- Joselle Couto (mais-um) – A psicose na clínica do real,
- Andréa Silva – Uma abordagem psicanalítica sobre a esquizofrenia,
- Carmen Damous – Psicose na infância,
- Flaviana Almeida – O desencadeamento da psicose na adolescência frente ao impossível da relação sexual,
- Silvana Sombra – A escrita como suplência em Joyce.

2) TEMA: A ADOLESCÊNCIA NA VIRADA DO SÉCULO XXI

Início em 3 de março de 2016, com a rubrica “Conexões”.

Cartelizantes:

- ▀ Augusto Mochel (mais-um) – A adolescência como marco no surgimento do sintoma toxicômano: introdução a uma descrição da realidade do Maranhão no século XXI,
- ▀ Anícia Ewerton – Os novos sintomas na adolescência,
- ▀ Anne Ramayhana – A adolescência e a decadência da autoridade: o nome-do-pai,
- ▀ Flaviana Almeida – O desencadeamento da psicose na adolescência frente ao impossível da relação sexual,
- ▀ Nayara Alves – O prolongamento da adolescência: entre a ação e o ato.

No segundo cartel mencionado, o mais-um se retirou, comunicando aos outros cartelizantes que não disporia mais de tempo para continuar. Consequentemente, optou-se pela dissolução alguns meses depois do início.

Um terceiro cartel constituiu-se com quatro cartelizantes, também com o tema psicose. Porém, logo a seguir, foi dissolvido: a mais-um comunicara aos demais cartelizantes que tomara a decisão de desvincular-se por discordâncias, naquele momento, com a Delegação, após o evento “A loucura entre nós.”

A Delegação Maranhão/EBP está lançando dois novos temas para a formação de cartéis: Histeria rígida, proposto por Thaís Moraes, e *Seminário VI*, proposto por Suely Simone.

A leitura em particular que fizemos do movimento de cartéis em nossa instituição aponta, inicialmente, para a função do mais-um, seu manejo com relação aos efeitos imaginários que lhe são conferidos. Enfim, cremos que necessitaríamos trabalhar, em conjunto, esse lugar com valor agalmático e de responsabilidade ao empuxo dos trabalhos desse dispositivo. Ademais, o cartel, como porta de entrada em nossa Escola, requer toda uma reavaliação de nossa experiência de transferência de trabalho com a orientação lacaniana, além da inserção na cidade no que tange ao Intercâmbio, ainda em fase de elaboração de uma atuação mais presente.

8.4 Coordenação de Cartéis da Delegação do Rio Grande do Norte – EBP

Coordenadora: Liège Uchôa

Assumi a Secretaria de Cartéis em abril de 2015, para o biênio 2015-2017. A partir daí, tomamos como norte para o trabalho tirar consequências do fato de o cartel ser a célula de base da Escola, conforme Lacan. Desse modo, nosso objetivo foi estimular a formação de novos cartéis.

A estratégia criada para esse fim foi constituir um espaço de discussão – as “Noites de cartéis” – para tratar do lugar do cartel na formação do analista. Na época, estávamos com quatro cartéis em fase de conclusão e novas demandas de formação, Achei fecundo que promovêssemos encontros programados para tratar tanto do trabalho de cada cartel em curso, quanto dos aspectos teóricos desse dispositivo.

Ao longo de 2015, tivemos três “Noites de cartéis” e uma Jornada no final do ano, com uma significativa participação. Estiveram presentes 25 a 30 participantes. Foram apresentados quatorze trabalhos como produtos de quatro cartéis:

Autismo e psicose: aproximações e distinções - Juliana Castro,

Do verbo ele se protege – Juliana Ribeiro,

E por falar em autismo – Viviane

Autismos: o que eles nos ensinam?

O uso das telas e as possibilidades de fazer um corpo – Tatiana Schefer,

Contribuições psicanalíticas a respeito da histeria feminina – Cristina Arruda,

Mulher no cinema: o superego e o amor – Viviane Leite,

Amor materno: laço ou armadilha? – Ana Aparecida

De mulher devastada a mãe devastadora: trajetórias do feminino? – Lenira Xavier,

Paí, não vês que....” – Ana Aparecida

O que pode um psicanalista em um centro de reabilitação infantil? – Tatiana Schefer,

O possível manejo da transferência em um caso de psicose – Marilac

A criança na contemporaneidade: reflexão sobre o gozo – Iara

A angústia no *Seminário 10* – Juliana Castro.

SOBRE A CRISE NO TRABALHO DO CARTEL: Tivemos a experiência de um cartel que se dissolveu antes do tempo previsto, por conta da saída de dois componentes. Diria que, na nossa experiência, essa crise vem se enunciando, principalmente porque não temos tido uma discussão mais continuada e bem-situada sobre esse dispositivo. Por mais que tratemos sobre o assunto, resta sempre, aos que dele participam, uma dúvida sobre seu funcionamento. Os componentes que participam da formação do cartel entram nele e depois percebem que não era bem aquilo que esperavam. Observa-se que a escolha do mais-um tem sido o pivô do problema, pois, sem a devida atenção aos critérios para o convite, isso acaba tendo efeitos na estruturação e sustentação do trabalho.

SOBRE O MAIS-UM E SUA FUNÇÃO: Consideramos esse um dos grandes problemas para a não ampliação dos cartéis: não tem havido pessoas com desejo e disponibilidade para ser o mais-um. Aqueles que assumem não estão devidamente avisados dos efeitos de grupo e acabam por ocupar a função de mestre, de líder, ou deixam passar certas situações que vão minando a produção de trabalho.

AÇÕES DE INTERCÂMBIO E SUAS CONEXÕES COM OS IMPASSES CONTEMPORÂNEOS: Na Delegação Rio Grande do Norte (DRN), conseguimos estruturar algumas atividades de intercâmbio com as áreas de justiça, educação e saúde, mas foram ações muito pontuais, principalmente

em preparatórios para as nossas jornadas. Além disso, não foram atividades assumidas, necessariamente, pela Secretaria de Intercâmbio e Cartéis. Todavia, estamos, cada vez mais, ampliando nosso entendimento de que as atividades de intercâmbio são um espaço importante de interlocução e debate entre diversos setores da cidade.

Tomamos a iniciativa, em 2015, de formarmos um cartel ampliado e fulgurante para efeito de preparação para o X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, que aconteceria no Rio de Janeiro no período de 25 a 28 de abril de 2016. Esse cartel foi concluído, depois de um ano, em março de 2016. Convidamos para ser mais-um desse Cartel nossa Conselheira, Glória Maron, que esteve em Natal, no dia 12 de março de 2016. Essa atividade consistiu na leitura e apresentação, em forma de mesa-redonda, de quatro verbetes do *Scilicet* O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI (2016), Foram três horas de apresentação e debate.

No dia 28 de abril, durante o Congresso da AMP/2016, na sala Arpoador, estive-mos presentes na reunião de cartéis coordenada por Fernanda Otoni. Na ocasião, pudemos conversar sobre alguns pontos presentes no relatório solicitado pela coordenação de cartéis da Escola Brasileira de Psicanálise. Demos destaque às dificuldades que enfrentamos para animar o dispositivo cartéis em nosso Estado.

Ao longo de 2016, tivemos apenas um cartel declarado. Entretanto, ele foi dissolvido e ainda não tivemos retorno sobre as consequências dessa dissolução.

Em junho de 2016, retomamos a organização de um novo cartel ampliado e fulgurante, agora para efeito preparatório para o Encontro da Escola Brasileira de Psicanálise, de 25 a 27 de novembro de 2016, em São Paulo. O produto desse cartel constituiu-se nos quatro trabalhos enviados para o Encontro da EBP.

Ainda em 2016, tentamos organizar mais um cartel para trabalharmos o nosso Seminário de Orientação Lacaniana. Na ocasião, estávamos voltados para a leitura do *Seminário 6*, de Jacques Lacan. Apesar de conseguirmos realizar boas leituras, inclusive convidando colegas de estados vizinhos para dialogar conosco sobre esse seminário, não conseguimos dar conta desse processo em forma de cartel.

Concluimos que a formação de cartéis na DRN tem crescido paulatinamente, promovendo trabalhadores decididos, com claros efeitos de formação. Além disso, o cartel tem cumprido, minimamente, sua função de ser um dispositivo que funciona como porta de entrada aos que estão se aproximando do trabalho da Escola, no Rio Grande do Norte. No entanto, não conseguimos ampliar essa lógica de funcionamento. Ela acontece de forma esparsa, sem permitir que tiremos disso um movimento institucionalizado.

Finalmente, temos a nítida compreensão de que a estruturação dos cartéis é de suma importância para nossa formação. Conversamos sobre isso por ocasião da primeira reunião da futura diretoria da Delegação Rio Grande do Norte, da qual serei a coordenadora adjunta. Vimos que é preciso insistir para encontrar um modo melhor de animar a organização de novos cartéis. A nossa próxima jornada irá tratar dos novos arranjos familiares. É um momento fecundo para tentarmos pesquisar o tema através da formação de cartéis e atividades de intercâmbio.

8.5 Coordenação de Cartéis da Delegação da Paraíba – EBP

Coordenadora: Maria de Lourdes Aragão de Albuquerque

Até outubro de 2015 o trabalho de cartéis na Delegação da Paraíba (DPB) foi desenvolvido pela então coordenadora adjunta Cleide Pereira Monteiro. A partir daquele mês, os cartéis passaram a ser zelados pela Secretaria de Cartéis e Intercâmbio, pasta recém-criada pelo Conselho da EBP para compor a Coordenação da DPB, ficando sob minha responsabilidade.

As considerações que seguem dizem respeito ainda ao período da gestão de Cleide Pereira e foram relatados por ela:

Em 29 de julho, foi realizado em Campina Grande o segundo Momento Cartel, ocasião em que aconteceu uma discussão sobre os cartéis e seu *modus operandi*. Essa atividade foi instigada pelas demandas de alguns cartelizantes que, frente ao desafio de dar sustentação à elaboração dessa experiência, compartilharam inquietações que testemunharam a implicação decidida com esse dispositivo criado por Lacan para dar sustentação a sua Escola. De cartelizantes de “primeira viagem” àqueles que já passaram por vários cartéis, vivenciou-se um momento de extrema riqueza, em que revisitamos questões cruciais apontadas por Lacan. Verificamos que, por mais que esse dispositivo porte variações nos tempos atuais, há uma invariância que se mantém e que deve ser preservada para assegurar a essência dessa invenção lacaniana. Na discussão, partimos da ideia de que a prática cartelizante exclui a noção de sucesso, pois não há como desconsiderar o real em jogo nessa experiência. O “isso fracassa” foi trabalhado no *um a um* da experiência, sem que com isso gerasse uma paralisia do trabalho, mas antes, um entusiasmo para dar continuidade à transferência de trabalho à Escola pela via do cartel, que tem cumprido, para muitos, sua função de porta de entrada. Algumas questões pontuais desse momento: o que fazer frente à dissolução prematura (menos de um ano) do cartel; como manejar com a identificação que gera o “efeito de cola”; como se dá a escolha do “mais-um”, a partir da recomendação de que deve ser alguém da Escola.

Até o final de sua gestão, havia oito cartéis declarados à EBP. Quatro deles funcionavam como atividades de Núcleos: “Corpo, violência e toxicomania” - Núcleo de Toxicomania; “*As psicoses: Seminário 3*” - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Saúde Mental; “A clínica psicanalítica do autismo” - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicose; “A criança e os seus espelhos” - Núcleo Uni Duni Tê, que trabalha com crianças.

Essa foi uma nova modalidade criada na gestão anterior no tocante à constituição dos cartéis dentro de Núcleos. Foram cartéis declarados em sua célula básica (4 + 1), porém suas atividades eram abertas para quem desejasse participar. Segundo Cleide, esse tipo de modalidade oxigenou os trabalhos dos Núcleos, implicando os cartelizantes como parceiros de trabalho e aguçando o interesse de pessoas que chegaram aos Núcleos para participarem das discussões dos cartéis. Essa nova formação de cartel, acrescentou Cleide, nos coloca frente ao desafio de inovar e tirar consequências sobre a particularidade de cada cartel com o respectivo núcleo que o acolhe. Cada um tem uma topologia que lhe é própria e que tem aprendido a fazer com a experiência, sem recuar diante do que não se escreve como regra. A experiência foi nova e colheu bons resultados.

Foi durante a Jornada de Pernambuco, em 17 e 18 de outubro de 2015, que, juntamente com a colega Cleide Pereira, já coordenadora Geral da DPB, tivemos um encontro com Fernanda Otoni para me inteirar da recém-criada pasta de Cartéis e Intercâmbio e assumi-la.

Nesse breve encontro, a Diretora de Cartéis da EBP destacou a proposta da ação dobradiça da atual Diretoria. Essa ação, pelo que conversamos, pretende incentivar as atividades de intercâmbio, com o propósito de instigar a questão sobre como o analista pode servir-se da cidade a partir de discussões de temas pungentes da atualidade. Foi discutida também a questão da dissolução de um cartel: quando um dos membros deixa o dispositivo, deverá ser sustentado como possibilidade de fazer valer a unicidade da experiência de cada formação de cartel. Um cartel não é mais um cartel quando um membro decide sair. Que possamos disso tirar consequências.

A partir desse momento, assumi a atual Secretaria de Cartéis e Intercâmbio da DPB, dando continuidade a esse trabalho e tendo como desafio realizar uma Jornada de Cartéis em 2016, proposta da Coordenação da DPB, e promover um instigante debate de intercâmbio com a cidade sobre questões sempre atuais e discutidas em nível local e nacional.

O ANO DE 2016

A partir de março, a Jornada de Cartéis começou a ser planejada porque sua previsão era ainda para o primeiro semestre do ano, mas a realização só foi possível em 13 de agosto na cidade de Campina Grande.

Iniciei um grande trabalho de comunicação, primeiramente com os mais-um de todos os cartéis constituídos e alguns que já estavam se dissolvendo ou já dissolvidos. Os mais-um foram convocados a incentivarem seus cartéis a produzirem trabalhos e a se inscreverem para a Jornada. Para a nossa satisfação, foram inscritos 17 trabalhos para serem apresentados em um dia.

Desenvolvemos um trabalho de divulgação e formamos uma comissão organizadora composta pela própria coordenação da DPB e mais uma colega de Campina Grande, cidade sede do evento.

Um colega que frequenta as atividades da DPB foi o criador do cartaz abaixo.



A PROGRAMAÇÃO FOI A SEGUINTE:

9:00 h - Abertura

Coordenadora Geral – Cleide Pereira (membro)

Secretária de Cartéis e Intercâmbio – Maria de Lourdes Aragão (correspondente)

9:30 h – Mesa 1 - Modalidades de gozo no Corpo

Mediador do debate: Evandro Medeiros (participante)

O gozo na perversão – Antonio Eunizé de Oliveira

O gozo no discurso da ciência – Jacicarlos Lima de Alencar

O imperativo do gozo do supereu – Georgiana Furtado

As dimensões do gozo no corpo feminino à luz de *Ninfomaníaca*, de Lars Von Trier

– Camilo de Lélis Lima

10:40 h - Mesa 2 - A clínica psicanalítica do autismo

Mediadora do debate: Sandra Conrado (aderente)

Aspectos sobre o espectro: autismo e linguagem – Maria Cristina Maia

O olho e o olhar (d/n) o autista - Pedro Augusto Ribeiro

Para além das estruturas: o deixar-se olhar pelo autista – Ariadne Messalina Batista

Veredas da transferência no autismo - Giulliany Feitosa

11:50 – Intervalo - Almoço

14:00 h – Mesa 3 – Cartéis: Psicose/Seminário 23 – O *sinthoma*

Mediadora do debate: Zaeth Nascimento (correspondente)

Confins: aproximações entre a lógica do feminino e da psicose – Thayse Kessya Oliveira

Joyce e Primeau: aproximações e distinções no tratamento do “parasita falador” –
Glacy Gorski

O mal necessário: a questão do Pai em James Joyce – José Augusto Rocha

Devastação: um nó de amor – Gabriella Dupim

Angústia na psicose: corpo que degrine no ralo – Ana Lúcia Camêlo

15:30 h – Mesa 4 – Cartéis: Feminino/Angústia/Ato e toxicomania

Mediador do debate: Vânia Ferreira (aderente)

No que as mulheres se devastam hoje – Ana Ocicleide Lima Bezerra

Angústia - um dos nomes do mal-estar – Karynna Nóbrega

Capturada pela imagem – Alice Silva Tocchetto

Ato e toxicomania: deixar-se cair - Cassandra Dias (relatora)

16:40 h – Encerramento

Glacy Gorski – Coordenadora Adjunta (membro)

Para o nosso boletim informativo, elaborei a seguinte resenha sobre a IV Jornada:

Foi com muita alegria e satisfação que realizamos, no último sábado, dia 13 de agosto, em Campina Grande, nossa IV Jornada de Cartéis. Tivemos um dia intenso de trabalho, distribuído em quatro mesas de apresentações. Pudemos ver na Jornada o quanto o trabalho de cartel floresceu na Delegação Paraíba com os seguintes temas: Modalidades de Gozo no corpo, tema do próprio cartel, já dissolvido e que apresentou quatro trabalhos sobre a questão do gozo na perversão, no supereu, na sua relação com a ciência e ainda a questão do gozo numa análise do filme *Ninfomaniaca*. A segunda mesa apresentou produções do cartel sobre a clínica psicanalítica do autismo, com apresentação de casos clínicos atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPS I), gerando discussões e questões entre os cartelizantes e o público, como a transferência no autismo, o olhar e a linguagem, questões tão específicas dessa clínica.

O segundo momento se deu à tarde, com mais duas mesas de trabalho com produções dos cartéis sobre o feminino, a psicose, a angústia, a toxicomania, e o *Seminário 23*, *O sinthoma*. Essas mesas abordaram questões sobre a devastação feminina, a angústia na psicose e aproximações e distinções no tratamento do “parasita falador” em Joyce e Primeau, como também a questão do Pai em Joyce.

Todas as mesas tiveram seus mediadores que exerceram papel fundamental nas articulações dos trabalhos e, principalmente, no enriquecimento para o debate com o público, que participou efetivamente do evento.

A Delegação Paraíba está de parabéns com a importância e seriedade que tem dado ao trabalho de cartel, que segue cada vez mais vivo no nosso estado, contribuindo

não só para a transmissão da psicanálise de orientação lacaniana, como também para a clínica e formação do analista.

Destacamos que todos os trabalhos foram encaminhados por *e-mail* para as pessoas que confirmavam sua inscrição no evento, como também confeccionamos uma brochura impressa que foi distribuída para a comissão organizadora da Jornada, para a coordenação da DPB e a Diretoria de Cartéis da EBP.

SITUAÇÃO ATUAL DOS CARTÉIS NA DPB

Dos cartéis que encontrei no início da minha gestão, todos foram dissolvidos até a realização da IV Jornada em agosto desse ano. Apenas um (A criança e seus espelhos) não apresentou produção no evento.

Os cartéis dissolvidos em 2015 foram os seguintes:

Devastação – Mais-um: Pauleska Nóbrega (participante). Motivo: saída de um dos componentes.

Seminário 3, As psicoses – Mais-um: Cassandra Dias (membro)

Em 2016, os cartéis que encerraram as atividades foram:

Corpo, violência e toxicomania – Mais-um: Cleide Pereira (membro da EBP)

Modalidades de gozo no corpo – Mais-um: Antônio Eunizé de Oliveira (correspondente)

O motivo da dissolução foi a saída de um dos componentes.

A criança e seus espelhos – Mais-um: Raquel Ferreira (participante)

A angústia – Mais-um: Karinna Magalhães (participante)

A clínica psicanalítica do autismo – Mais-um: Maria Cristina Maia (membro)

Outro cartel sobre As psicoses – Mais-um: Alice Tochetto (correspondente)

Seminário 23 – O sinthoma – Mais-um: Glacy Gorsky (membro)

Atualmente, só existe um cartel declarado à EBP: Toxicomania e psicanálise, cujo mais-um é Ana Ocilde Lima (participante), com início em 15 de abril de 2016.

No “Procura-se cartel”, existem os seguintes temas: Filosofia e psicanálise; dois com o tema do *Seminário 6 – O desejo e sua interpretação*; Corpo e psicanálise.

São essas as informações do que foi realizado no trabalho com cartéis na DPB em 2015/2016.

ATIVIDADES DE INTERCÂMBIO 2015/2016

Como assumi a pasta a partir de outubro de 2015, as realizações das atividades só foram possíveis a partir de abril de 2016.

Havia, há algum tempo, demandas de colegas de Campina Grande, que frequentam as atividades da Delegação, de iniciarem um trabalho com a psicanálise e a cidade.

A coordenação acolheu essa demanda e me convidou para coordenar essa atividade pela pasta de intercâmbio. Os colegas entraram como colaboradores. Como moro em João Pessoa e eles em Campina Grande, fiquei na função de orientar e mediar toda a execução do trabalho realizado por eles. Em maio, foi lançada a primeira edição do Papo Furado, nome escolhido por eles por se tratar de uma proposta mais informal de encontros em vários locais da cidade. O significante ‘furado’ foi escolhido para quebrar um pouco a formalidade dos encontros especificamente psicanalíticos, no dizer deles.

A atividade se dá uma vez no mês, aos sábados pela manhã. É elaborado um cartaz e divulgado no boletim da Delegação e nas redes sociais.

Em 2016, realizamos cinco edições do Papo Furado, ilustradas nos cartazes abaixo e respectivas resenhas:

PRIMEIRA EDIÇÃO



No dia 2 de abril foi realizada a nossa primeira atividade de Intercâmbio da DPB em Campina Grande, na Vila do Artesão – um lugar onde artesãos expõem seus trabalhos e também se realizam eventos artísticos, oficinas de costuras e de danças. Esse espaço, muito bonito, colorido, próprio para construções e invenções, foi o escolhido para nós da psicanálise também realizarmos nossa invenção chamada Papo Furado.

Para animar nosso Papo, buscamos duas jovens para conversar sobre o que fazem na cidade. Saímos dessa conversa conhecendo algo novo desse mundo atual, tão focado em imagens e internet. Isso nos trouxe muitos ensinamentos sobre adolescentes e jovens da atualidade.

Nossas convidadas foram Jade, de 23 anos, estudante de Designer, tatuadora bem-conceituada na cidade, e Maria Fernanda, de 17 anos, estudante de História que desenvolve um trabalho de literatura na rede social Instagram chamado Bookstagramer, palavra

desconhecida entre nós, mas que diz de alguém que gosta muito de ler, posta imagens dos livros e os resenha. Com esse trabalho, Maria Fernanda já alcançou mais de seis mil seguidores no Instagram, os quais não se limitam a apenas ver as imagens postadas, mas interagem e se sentem incentivados à leitura.

SEGUNDA EDIÇÃO



A segunda edição do Papo Furado se deu na livraria Nobel, em Campina Grande, com quatro jovens: dois envolvidos com jogos virtuais e dois com a prática de *cosplay*. A escolha desses temas se deu por privilegiarmos o Encontro Brasileiro de novembro de 2016, que debateu “A adolescência, idade do desejo”, em São Paulo. Nota-se que essas atividades virtuais e de *cosplayers* se dão mais na adolescência, podendo se estender até mais tarde, como é caso dos nossos jovens convidados.

Para quem não sabe o que é *cosplay*, esta é uma palavra composta por duas outras: *costume*, do inglês, que significa fantasia, e *play*, da mesma língua, que significa jogo – literalmente seria brincar de fantasia. Apesar de ter origem americana, essa prática se desenvolveu mais no Japão, que não reconhece esse mesmo significado e sim algo mais como *costume-play*, adaptando a palavra para *cosplay*, conservando o hábito da língua japonesa de encurtar expressões longas.

Esses jovens nos transmitiram, de um modo geral, que os jogos virtuais e o universo do *cosplay* funcionam para eles como atividades prazerosas, como *hobby* e válvulas de escape da rotina, da pressão social e familiar. Geralmente, segundo eles, o interesse inicial, ainda quando mais jovens, iniciando a adolescência, é por desenhos apresentados em canais de TV. São baseados, na maioria das vezes, em desenhos japoneses que misturam facetas das diversas mitologias. Tais desenhos foram despertando preferências e iniciando um processo identificatório. Concomitantemente, foram se associando ao hábito

de jogar no *videogame*, que muitas vezes possuem os mesmos personagens da televisão, despertando assim um desejo que vai além da passividade de só jogar e possibilitando maior envolvimento emocional com a situação. Essa situação pode mesmo interferir no destino do desenho e, no caso dos *cosplayers*, no desejo de criarem acessórios e vestes dos personagens, como também praticarem as *performances* dos seus personagens preferidos.

TERCEIRA EDIÇÃO



No dia 30 de julho, ocorreu a terceira edição do Papo Furado, dessa vez, no restaurante mexicano Frida Tacos, por fazer referência à artista Frida Khalo e ao lugar da mulher na cidade. O papo se deu a partir das enunciações de três convidadas: Alianna, graduada em História e mediadora do grupo #LeiaMulheres, que se reúne em Campina Grande, falou da escrita; Marcinha Lima, fotógrafa e estudante de Arte e Mídia, protagonizou o debate sobre a vulnerabilidade cultural dos sexos, sobre o feminismo negro e a empatia como solução necessária para lidar com o desconhecimento que temos do outro, além de considerar em sua fala, a arte como alteridade; Valci Oliveira, artista plástica que produz figuras femininas em barro, trouxe ao papo a sua vivência da arte como um encontro com um estilo próprio, somente perceptível na relação com o outro. O papo também contou com a interação do público, que evidenciou a literatura de autoras, como Clarice Lispector e sua referência ao inominável, alcançando a problemática, na educação, de acolher a autonomia do aluno diante da cultura, do sexo, do seu modo próprio de existir.

Pauleska Nóbrega atuou como colaboradora da atividade.

ATIVIDADE DE INTERCÂMBIO
JUNHO DE 2016 – JOÃO PESSOA



No último dia 9 de junho, a atividade de intercâmbio recebeu o Núcleo Uni Duni Tê de João Pessoa, ligado à Nova Rede CEREDA do Brasil, cujo trabalho se destina à pesquisa e ao estudo sobre crianças e adolescentes. Com as pontuações de Sandra Conrado, coordenadora do Uni Duni Tê-João Pessoa, pudemos discutir o dispositivo clínico a partir de uma experiência com um adolescente, em consonância com as questões argumentadas por Rômulo Ferreira em sua conferência “Adolescente, idade do desejo” (cf. <<http://www.encontrobrasileiro2016.org/#!encontro-1/fmehx>>), tema do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano que ocorreu em São Paulo, dias 25, 26 e 27 de novembro de 2016.

Segue uma resenha da atividade:

O argumento de Rômulo Ferreira para o XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano nos convoca um olhar para dentro de nossa clínica, hoje. Tudo o que ele nos diz, quando também faz referência às questões da rua, das escolas, das famílias ou qualquer outra instituição, é para se referir que o trabalho do analista se destina a refletir sobre o que está acontecendo com os sujeitos que não se encontram em conformidade com seu gozo. Quando essa desarmonia do gozo se dá na adolescência, a cautela do analista tem que ser mais delicada ainda. Que se diga: é mesmo um tempo de irritação, excessos e rebeldia. Mas que se pondere: é preciso pisar nesse chão com muita calma. O adolescente está às voltas com o adulto que há nele, mas também está às voltas com muitas redefinições e constantes modificações, adaptações e reedições. O gozo é indelével, mas aqui está a todo vapor.

O corpo que se modifica, há também que ser apreendido, pois será o instrumento que vai lhe servir na definição sexual para o encontro com o Outro sexo. As palavras passam a ter autoria própria, já que é tempo de se desligar dos significantes paternos em busca de outras cenas, outros laços pelos quais eles próprios precisam se responsabilizar.

Entre o corpo e a palavra há uma tensão vivida em dois tempos fundamentais: o de ver e o de compreender. Tempos lógicos de Lacan que, segundo Rômulo, Miller associa a esse despertar da infância. A adolescência é sintoma da puberdade. Se, para Freud, a puberdade se trava numa luta interna para tentar abandonar as identificações sólidas dada pelo ideal paterno, a adolescência opera no trabalho metafórico que fornece outras significações. Não mais as do discurso dos pais, mas as que falam em si mesmo. Puberdade como tempo de ver o corpo e com ele se haver; adolescência como tempo de compreender, onde o valor do sintoma que cada um vai empreender segue a partir de sua contingência.

O Uni Duni Tê tem acompanhado de perto o trabalho com alguns adolescentes. Estamos diante desses sujeitos que travam dia a dia essa luta, diga-se de passagem muito angustiante, diante de uma resposta sintomática, cujo encontro com o analista passa a ser o palco de suas perturbações vestidas de uma enorme expiação face à precariedade do Outro em parcializar a relação do sujeito com o objeto, já não mais tão apreensível como o é no cenário infantil.

Se esse argumento nos convoca um olhar para a clínica da adolescência, por outro lado provoca a discussão de um cenário aberto no panorama social, quando trata da relação do adolescente nesses tempos de novas identificações, onde a tecnologia e as redes pluralizam e diversificam as ofertas, apoiadas na globalização e no avanço do capitalismo.

Os sintomas – desligamento da palavra dos pais – pululam, surgindo de forma radical, muitas vezes prontos a se confundirem com os sintomas psicóticos. Eis que a relação do imaginário com o simbólico se torna cada vez mais difícil. Regido, assim, por essa questão, o adolescente se dedica mais ao fazer que ao ato. E este, quando chega, pode vir, muitas vezes, na forma de suicídio.

Se a visada do XXI Encontro é o desejo, o é na medida em que nossas preocupações estão voltadas para a forma como ele se encontra: diluído diante do imperativo de gozo e, portanto, segundo Rômulo Ferreira, dimensionado na violação. Trata-se mais de um “eu quero, eu quero e eu quero!!!”.

Se, por um lado, “as múltiplas escolhas” têm um efeito liberador, por outro podem se dispor como dualidade permissividade/rigidez exacerbada. Como exemplos, Rômulo cita a discussão da maioridade penal, que deu mostras na amplitude pendular entre um extremo e outro: ou contra ou a favor; a polêmica vacina anti-HPV nas púberes; a distribuição de preservativos e as cartilhas sobre a vida sexual ativa sem passar pelos programas que discutem a gravidez e o aborto. Ou seja, passagens de um registro a outro sem poder contar com o reconhecimento do desejo.

Outro ponto indicado por Rômulo Ferreira diz sobre a família e o Estado, que, ao afrouxarem as regras de conduta desde a infância, não levam em conta a responsabilidade desses sujeitos pelas suas ações. Os conselhos tutelares, que tentam suprir essa falta, acabam por judicializar o que deveria estar no âmbito da escola, da saúde, da assistência social e, principalmente, da família. É uma adolescência generalizada, lembra-nos.

Os próprios adultos estão submetidos a um ideal de indeterminação e arrastados pela dificuldade de estabelecerem a responsabilidade sobre seus atos. A geração da “metamorfose ambulante” é quem cria, educa e forma os adolescentes de hoje.

Fazer essa leitura já nos diz que os psicanalistas estão atentos ao que acontece em relação à adolescência na contemporaneidade. Tomar o desejo como via de acesso ao sujeito pode extrair desses impasses o mal-estar de cada um. Por isso, de acordo com Rômulo, a psicanálise pode estar presente em vários dispositivos que acolhem as soluções, extraíndo da parafernália do S1 aquele que seja singular e que mantenha aberto o caminho do desejo.

Dentre os trabalhos com sujeitos adolescentes no Uni Duni Tê, pudemos discutir, nesta atividade, o fragmento da análise de um jovem entre 12 e 15 anos que, vindo de forma muito angustiada, cultivou nesse período de tempo um gozo mortificante, sob atuações espetaculares em casa, na escola e na rua como modo de responder por sua aflição em se separar dos significantes paternos. Na figura do S1-otário e violento, traço dos homens no mito familiar, passa a se apaziguar quando se VÊ, também assim, em mais uma de suas atuações na Escola. De um “só sobra para mim – otário”, seguido de um “É isso aí!” da analista, deu-se o tempo de COMPREENDER, encontrando sentido para seu gozo na narrativa de sua fantasia e na possibilidade de nomear o sem sentido de um resto das mostrações desesperadas da busca imaginária do viril.

Quando Rômulo nos falou em sua conferência “Adolescente, idade do desejo”, pudemos nos perguntar nesse debate se realmente o analista não está em posição de fazer a função de pai na contemporaneidade por saber que não o é. No trabalho que o analista se dispõe com o adolescente hoje, uma das melhores indicações é que ele se aproprie do semblante daquele que intermedeia para que alguma coisa aconteça além da rigidez superegoica. Perturbar a defesa, sem desprezar a resposta sintomática, pois não fosse a possibilidade de um analista para esse rapazinho falar do seu desejo, ele jamais teria lido livros sobre John Lennon e Chico Mendes (ídolos desprezados pelo pai). Ou ainda, ele não teria encontrado, em Outras cenas, a possibilidade de garantir sua virilidade, via política, lugar de seu novo discurso: o de que um homem pode contrariar uma ordem sem necessariamente esbravejar ou impor o que quer – janela que se abre à fantasia tão necessária ao sintoma da puberdade no desligamento de seu primeiro ideal, como discute Freud em seu artigo “Algumas reflexões sobre a Psicologia do Escolar”.

Por Sandra Conrado
Coordenadora do Uni Duni Tê – João Pessoa

QUARTA EDIÇÃO



Nosso Papo, em sua quarta edição em Campina Grande, foi realizado no Museu de Arte Popular da Paraíba, às margens do açude velho, cartão postal da entrada da cidade. Foi lá que a psicanálise da Delegação Paraíba conversou com a assistente social e conselheira tutelar Maria Aparecida Sousa; a delegada Nercília Dantas; o professor de História da UFCG, José Otavio, e Valdeci Feliciano Gomes, professor de Direito da UNESC, da CESREI e investigador da Polícia Civil, sobre os jovens infratores, resultando num debate polêmico e instigante, envolvendo todos os que foram ao nosso papo. Questões sobre internação em “casas educativas”, drogas, violência, as dificuldades das famílias em se implicarem, a falta de políticas públicas eficientes para lidarem com essa realidade, foram centrais do debate.

Algumas marcas foram recolhidas das experiências dos convidados: “O que leva um jovem a prejudicar outrem?”, perguntou a delegada Nercília: a imediatez; o querer ter, tal qual um líder, objetos de ostentação. A delegada afirmou que há uma lei peculiar em cena, distinta da lei jurídica, em que morrer ou viver são a mesma coisa, como a conselheira tutelar afirmou a partir da fala de um jovem que acompanhou. O que foi dito e o que foi escutado foram de uma riqueza imensa, e inúmeros encontros como esse não esgotariam um assunto tão vasto e atual. Enfim, concluímos satisfeitos com o que foi realizado. Quem sabe o efeito que esse encontro pode trazer nas trocas de experiências entre nós da psicanálise e os outros campos do saber?

Por Maria de Lourdes Aragão e Pauleska Nóbrega.

QUINTA EDIÇÃO



A atividade de intercâmbio Papo Furado, na sua quinta edição, teve como convidados Sávio Siqueira, filósofo platonista, e Lucas Moura, cientista político, para conversarmos sobre o que pensam sobre a política. O tema foi escolhido por se tratar de um assunto que tem tomado as pessoas dos diversos lugares que as mesmas ocupam na cidade, especialmente os jovens. Para iniciar nosso Papo, fizemos questão de marcar que nossa finalidade não seria discutir política partidária, mas que nós da psicanálise nos posicionamos politicamente, sim, quando, seguindo Jacques Lacan, concordamos quanto ao esforço do psicanalista de “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (1953). No seu *Seminário 14, A lógica do fantasma*, ele diz mais ainda: “o inconsciente é a política” (1966), propondo uma definição do inconsciente como aquilo com que um analista tem sempre que lidar - lembrando que o inconsciente é o discurso do Outro e mobiliza-se no laço social.

Do Papo que ocorreu no Museu de Arte Contemporânea da Paraíba, podemos destacar o termo “ação política” inerente ao ser humano, levantado por Lucas, o qual se articula às questões evocadas na relação entre a psicanálise e a política. No papo, nomeou-se a potência viva do ato humano de fazer laço social, como sendo política, pois mesmo que a princípio o projeto do homem fosse apenas um projeto de sobrevivência, simultaneamente ele constrói e inventa novas relações com o outro. A ação política, que foi referida no Papo, é a condição de possibilidade que as crises, sejam de que ordem forem, proporcionam. Podemos pensar que política e psicanálise se aproximam, ambas se dão no laço com o outro, e que o psicanalista como cidadão também produz política ao querer saber

das manifestações do inconsciente no contexto da cidade em sua época. Nesse sentido, a atividade de intercâmbio recebeu jovens que se mostraram antenados com a política e com a história de nosso país, falando de política, democracia e ética, cada qual do lugar que ocupa em Campina Grande e de suas posições de sujeitos articulados e implicados com o seu tempo.

Por Maria de Lourdes Aragão e Pauleska Nóbrega

Assim, encerramos as atividades 2016 da pasta de Cartéis e Intercâmbio da DPB.

8.6 Secretaria de Cartéis e Intercâmbio da Delegação Paraná – EBP

Coordenadora: Nohemí Brown

JORNADA DE CARTÉIS E ATAS

Na Delegação Paraná, o acolhimento dos produtos de cartéis ou sua dissolução se realiza principalmente através da Jornada de Cartéis.

A Jornada é um evento anual, aberto à comunidade, e realizado na sede da Delegação com a presença do Conselheiro. Para cada Jornada se elaboram as Atas, um material impresso onde se incluem os trabalhos apresentados, mas também os produtos dos cartelizandos que, por algum motivo, não puderam ou conseguiram estar presentes na Jornada. Dessa maneira, as atas cumprem a função importante de acolher trabalhos de cartel.

Durante esses dois anos de trabalho foram realizadas duas Jornadas:

- No dia 23 de maio de 2015, foi realizada a XVI Jornada de Cartéis na Delegação Paraná. Contamos com uma excelente participação do público e de 18 trabalhos apresentados. Ram Mandil, conselheiro da EBP que acompanha a Delegação, esteve conosco.

O tema proposto para a Jornada foi: “Questões de Escola: pensar o cartel. Pensar a supervisão”. Para trabalhar a temática, formou-se um cartel fulgurante constituído por membros, e o conselheiro foi o coordenador da mesa.

Cabe dizer que esse evento trouxe um tom renovado à Jornada de Cartéis. Tradicionalmente, a Jornada na Delegação era realizada em dezembro. Naquela ocasião, não foi possível fazê-la nesse mês, o que rompeu com o *automaton*. Não foi fácil encontrar uma data, e a demora por anunciar a Jornada levou os próprios cartelizantes

a solicitarem a Jornada para apresentar seus trabalhos, tornando a Jornada, assim, um evento muito esperado.

Também foi uma experiência inédita não termos uma conferência do conselheiro que fechasse o evento, o que permitiu que na Jornada se colocassem em destaque os trabalhos de cartel, instigando uma viva participação.

► No dia 17 de setembro de 2016 foi realizada a XVII Jornada de Cartéis, com a presença de Jordan Gurgel, conselheiro da EBP. Naquela ocasião, tivemos uma conferência por parte do conselheiro com o título “O cartel, o passe e a cidade”. Consideramos importante, naquele evento, uma palestra que pudesse situar os dispositivos do passe e do cartel em sua relação com a cidade. Isto porque tem um público muito jovem que se aproxima da delegação e que depois dos cursos encontra no cartel um laço com a Escola.

Foram apresentados nesta jornada 14 trabalhos, mais quatro que foram enviados de um cartel que se dissolveu e que as pessoas não puderam estar presentes. Houve trabalhos de cartéis que se dissolveram, mas também de cartéis em andamento. No total, foram quatro mesas com os seguintes títulos: “Sobre a transferência”, “O estatuto do gozo feminino”, “Desejo, gozo e angústia” e “Adolescência: laço, fantasia e puberdade”. Os temas refletiram os interesses e assuntos desenvolvidos nos cartéis na Delegação.

NOITES DE CARTÉIS

Com o propósito de ter um espaço para pensar e conversar sobre o cartel, seus impasses e seu funcionamento, contamos com as Noites de cartéis. Normalmente, são realizadas duas por semestre, mas deixamos aberta a possibilidade de fazê-las de acordo com a necessidade na Delegação. Esse espaço tem se mostrado importante, especialmente para os jovens e alunos da universidade ou dos cursos na Delegação, que tem mostrado interesse em fazer cartel e está com muitas questões sobre ele. A Noite de cartéis é o momento privilegiado para acolher essas questões, mesmo que, de maneira informal, se tenha criado outros espaços.

As Noites de cartéis realizadas foram:

► Noite de cartéis – *O que é a Escola? Vamos pensar o cartel*. Nesta atividade os membros da Coordenação da Delegação Paraná trouxeram articulações sobre o cartel: “O cartel e a Escola”, “O grupo de estudo *us* cartel” e “O mais-um e sua função”. Ela ocorreu no dia 23 de novembro de 2015. Foi um momento importante. Tomamos a forma de conversação, o que trouxe leveza e entusiasmo pelos temas.

► Noite de cartéis – *Conversações sobre o dispositivo do cartel*. Os integrantes do cartel “Leituras da angústia”, incluindo o mais-um, fizeram um recorte sobre diferentes aspectos sobre esse dispositivo que, como cartelizantes, lhes tem tocado de alguma maneira. Depois da primeira Noite de cartéis, eles mesmos fizeram essa proposta. Os temas foram “Ler e escrever no cartel”, “Inscrever um cartel”, “O trabalho (solitário) no cartel” e “Riscos

do cartel”. A discussão foi muito viva e contou com vários membros da EBP. A atividade teve lugar no dia 30 de maio de 2016.

► Noite de cartéis – *Um cartel sem Escola?* Foi uma oportunidade para trabalhar o dispositivo de cartel e seu laço com a Escola e também implicar e apresentar à próxima coordenadora da Secretaria de Cartéis da Delegação na atividade. Realizou-se no dia 11 de abril.

BOLETIM DA DELEGAÇÃO PARANÁ

O boletim da Delegação é de responsabilidade da Secretaria de Biblioteca, mas tem um espaço reservado para os cartéis. Nele se colocam as resenhas das atividades realizadas, como as Jornadas de Cartéis, as Noites de cartéis ou reflexões feitas por um membro da EBP sobre o tema. É um espaço para decantar o que ressoa de cada atividade.

PROCURA-SE CARTEL

Existe uma lista na Delegação para acolher as pessoas que desejam fazer cartel. Nela, são colocados os dados e o tema de interesse. Essa lista pode ser consultada por quem tem interesse em realizar um cartel e pode chegar a formá-lo a partir das pessoas registradas nela.

CARTÉIS EM ANDAMENTO

Atualmente, temos dois cartéis inscritos no catálogo da EBP. Existem mais cartéis em andamento, mas ainda não estão inscritos. Confirmei com os mais-um: **são** um total de nove. Temos dado ênfase, a partir das conversações sobre o cartel na Delegação Paraná, seja com o conselheiro, nas Noites de cartel ou nas reuniões da coordenação da Delegação, para a importância de inscrever o cartel. Por isso, a próxima Noite de Cartéis terá como tema “Um cartel sem Escola?”. Esperamos ler ao que responde essa demora em inscrever os cartéis. Por isso, a atividade inclui a próxima coordenadora de cartéis.

CARTÉIS FULGURANTES PARA TRABALHAR UMA TEMÁTICA

A formação de cartéis fulgurantes para trabalhar um tema, um texto etc., ou para um evento na Delegação ou na cidade, tem sido uma aposta importante na produção de um trabalho epistêmico. Inclusive, na XVI Jornada de Cartéis, como coloquei acima, tivemos essa experiência e foi muito enriquecedora, mas também o temos feito para os Colóquios, Orientação Lacaniana, Jornadas na universidade.

CARTEL DE ORIENTAÇÃO LACANIANA

A forma de trabalho que foi encontrada para relançar e colocar a orientação lacaniana em um lugar agalmático foi o cartel. É um cartel que está constituído por quatro membros da EBP na Delegação e de Luís Fernando Carrijo na função de mais-um.

ATIVIDADE DE AÇÃO LACANIANA

Foi realizada uma conversação na cidade, na UFPR, no *campus* de Letras e Filosofia, com o tema “Juventude e contemporaneidade”. O convidado foi o filósofo argentino Fabián Ludueña. A atividade foi feita em meio às ocupações que aconteceram em Curitiba, inclusive na UFPR. No dia, a conversação viva e tocante nos fez pensar sobre o que chamamos jovens: que posição é essa, as ocupações e o que as novas formas de laço social nos ensinam. Marcus André Vieira não pôde estar presente, mas enviou algumas notas como contribuição ao debate. A atividade foi realizada em parceria com o Núcleo de pesquisa Species, da UFPR, através de Flávia Cera, no dia 7 de novembro de 2016.

COORDENAÇÃO DA DELEGAÇÃO PARANÁ

Coordenadora Geral: Nancy Greca Carneiro

Secretária Administrativa Financeira: Célia F. Carta Winter

Secretária de Biblioteca: Marcia Stival Onyszkiewicz

Secretária de Intercâmbio e Cartéis: Nohemí Ibanez Brown

Conselheiro: Ram Avraham Mandil, até abril de 2015

Iordan Gurgel, atual.



Escola Brasileira de Psicanálise